

# Ensaaios de Criatividade II

Organizadores:  
Alessandra Gobbi Santos e  
Jussara Jacomelli



# *Ensaíos de criatividade II*



Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Reitor

**Luiz Mario Silveira Spinelli**

Pró-Reitora de Ensino

**Rosane Vontobel Rodrigues**

Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

**Giovani Palma Bastos**

Pró-Reitor de Administração

**Nestor Henrique de Cesaro**

Campus de Frederico Westphalen

Diretora Geral

**Silvia Regina Canan**

Diretora Acadêmica

**Elisabete Cerutti**

Diretor Administrativo

**Clovis Quadros Hempel**

Campus de Erechim

Diretor Geral

**Paulo José Sponchiado**

Diretora Acadêmica

**Elisabete Maria Zanin**

Diretor Administrativo

**Paulo Roberto Giollo**

Campus de Santo Ângelo

Diretor Geral

**Gilberto Pacheco**

Diretor Acadêmico

**Marcelo Paulo Stracke**

Diretora Administrativa

**Berenice Beatriz Rossner Wbatuba**

Campus de Santiago

Diretor Geral

**Francisco de Assis Górski**

Diretora Acadêmica

**Michele Noal Beltrão**

Diretor Administrativo

**Jorge Padilha Santos**

Campus de São Luiz Gonzaga

Diretora Geral

**Sonia Regina Bressan Vieira**

Campus de Cerro Largo

Diretor Geral

**Edson Bolzan**



## CONSELHO EDITORIAL DA URI

Presidente

Denise Almeida Silva (URI/FW)

## CONSELHO EDITORIAL

**Acir Dias da Silva** (UNIOESTE/ UNESPAR)

**Alessandro Augusto de Azevedo** (UFRN)

**Alexandre Marino Costa** (UFSC)

**Antonio Carlos Moreira** (URI/FW)

**Cláudia Ribeiro Bellochio** (UFMS)

**Edite Maria Sudbrack** (URI/FW)

**Elton Luiz Nardi** (UNOESC)

**José Alberto Correa** (Universidade do Porto, Portugal/UNESP)

**Leonel Piovezana** (UNOCHAPECO)

**Liliana Locatelli** (URI/FW)

**Lisiane Ilha Librelotto** (UFSC)

**Lizandro Carlos Calegari** (UFMS)

**Lourdes Kaminski Alves** (UNIOESTE)

**Luiz Fernando Framil Fernandes** (FEEVALE)

**Mauro José Gaglietti** (URI/Santo Ângelo/ ANHANGUERA)

**Miguel Ângelo Silva da Costa** (UNOCHAPECO)

**Noemi Boer** (URI/Santo Ângelo)

**Paulo Vanderlei Vargas Groff** (UERGS)

**Rosângela Angelin** (URI/Santo Ângelo)

**Tania Maria Esperon Porto** (UFPEL)

**Vicente de Paula Almeida Junior** (UFFS)

**Walter Frantz** (UNIUI)

Consultores

**Attico Inacio Chassot** (Centro Universitário Metodista)

**Júlio Cesar Godoy Bertolin** (UPF)

**Barbara Estevão Clasen** (UERGS)

**Breno Antonio Sponchiado** (URI/FW)

**Claudia Battestin** (URI/FW)

**Cledimar Rogério Lourenzi** (UFSC)

**Daniel Pulcherio Fensterseifer** (URI/FW)

**Gelson Pelegrini** (URI/FW)

**Gustavo Brunetto** (UFMS)

**Luis Pedro Hillesheim** (URI/FW)

**Rosa Maria Locatelli Kalil** (UPF)

**Sibila Luft** (URI/Santiago)

*Alessandra Gobbi Santos*  
*Jussara Jacomelli*  
(Organizadoras)

# *Ensaíos de criatividade II*

Série História da Arte, v. 2



Frederico Westphalen  
2016



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>.

**Organização:** Alessandra Gobbi Santos, Jussara Jacomelli

**Revisão Linguística:** Wilson Cadoná

**Revisão metodológica:** Tani Gobbi dos Reis

**Capa/Arte:** Lais da Rocha Giovenardi

**Projeto gráfico:** Tani Gobbi dos Reis

**O conteúdo dos textos é de responsabilidade exclusiva dos(as) autores(as).**

**Permitida a reprodução, desde que citada a fonte.**

Catlogação na Fonte elaborada pela  
Biblioteca Central URI/FW

E52 Ensaios de criatividade II [recurso eletrônico] / Organizadoras: Alessandra Gobbi Santos, Jussara Jacomelli. Frederico Westphalen : URI – Frederico Westph, 2016. 79 p. : (Série História da Arte; v. 2).

ISBN 978-85-7796-173-3

1. História da Arte. I. Santos, Alessandra Gobbi. II. Jacomelli, Jussara. III. Título. IV. Série.

CDU 7(091)

Bibliotecária Gabriela de Oliveira Vieira



URI – Universidade Regional Integrada  
do Alto Uruguai e das Missões  
Prédio 9  
Campus de Frederico Westphalen:  
Rua Assis Brasil, 709 – CEP 98400-000  
Tel.: 55 3744 9223 – Fax: 55 3744-9265  
E-mail: editorauri@yahoo.com.br, editora@uri.edu.br

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

## SUMÁRIO

A QUESTÃO É COMEÇAR .....	8
<i>Silvia Regina Canan</i>	
HISTÓRIA DA ARTE E ARTE EM SUCATAS: ARQUITETURA E CRIATIVIDADE EM TEMPOS DE SUSTENTABILIDADE.....	9
<i>Jussara Jacomelli</i>	
MULHER: A SUBMISSÃO CULTURAL NÃO A OCULTOU HISTORICAMENTE .....	24
<i>Juliana Florência da Silva Lima, Kélin Palinski, Rosa Adriana Comin, Simone Tubias</i>	
NARCISISMO, A IDOLATRAÇÃO DA BELEZA VISTA COMO ARTE .....	29
<i>Claudia Suzan Wandscheer, Magali Schäffer, Rita de Cássia da Silva</i>	
CINEMA E FOTOGRAFIA: A MEMÓRIA QUE UNE GERAÇÕES.....	32
<i>Andressa Tisott, Juliana Bonifácio Gewehr, Karlise Broc, Samuel Henrique Ahlert</i>	
O 14 BIS: UMA OBRA DE ARTE REVOLUCIONÁRIA .....	36
<i>Felipe Frozza da Cruz, Anderson Scherer Ritt, Jaisson Argenta, Sávio Henrique Gazola Marcon</i>	
DECORAÇÃO: ABAJUR DE SUCATAS .....	40
<i>Cariane Pellegrin, Morgana Basso da Rosa, Tainá Vendruscolo Rodrigues, Ramon Henrique Librelotto, Pamela Luiza Jede</i>	
REINVENTANDO OBJETOS .....	46
<i>Bruna Roggia Chiele, Luan da Silva Klebers, Luana Possa dos Santos, Maria Odila Argenta</i>	
VITÓRIA RÉGIA: DA FICÇÃO PARA À REALIDADE .....	50
<i>Bruna Roberta Casagrande, Eliana Fin da Silva, Simara Ceolin, Naisa Scapini</i>	
O ANDARILHO .....	54
<i>Cássia Pellegrin, Luísa Franceschi Zanatta, Daniel Graciolli</i>	
A MÚSICA ILUMINA .....	59
<i>Kauhana Casagrande, Thaís Jacomelli, Vinícius Villarinho Pietrobelli</i>	
DESIGN DE INTERIOR: ABAJUR DECORATIVO .....	63
<i>Juliana Ribeiro, Larissa Fernanda Soffiati, Tainá Cristina Seibel</i>	
MONUMENTO DA PAZ, A ARTE RELATANDO E BUSCANDO A PAZ.....	67
<i>Daniela Begnini John, Cristiane de Oliveira</i>	
LUMINÁRIA DE FORMINHAS DE GELO: A BELEZA NA RECICLAGEM .....	71
<i>Gustavo Razia Del Paulo, Marina Albarello, Bruna Pegoraro Silveira Zanardi, Murilo Henrique Andriolli</i>	

HOMO HABILIS: DO DOMÍNIO DO FOGO ÀS ILUMINÁRIAS .....	74
<i>Noé Costa da Silva, Matheus Bones de Oliveira, Nathanael Cuchi</i>	
POSFÁCIO .....	77
<i>Alessandra Gobbi Santos, Jussara Jacomelli</i>	

## A QUESTÃO É COMEÇAR ...

Já dizia um grande educador gaúcho Mário Osório Marques,

Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também. [...] Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e osso, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar a conversa e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. Termina-se sabe Deus onde (MARQUES, 2006, p. 15).

Foi relendo esse trecho do livro “Escrever é Preciso” que busquei palavras para dizer o quanto é significativo ver a produção acadêmica de alunos e professores sendo semeada, cultivada e colhida. Olhei com entusiasmo e orgulho esses **Ensaio de Criatividade II** e entendi porque o autor que cito nos afirma que escrever é só começar. É isso, é só começar. É assim que se faz universidade, vivendo seu universo, experimentando, se desafiando.

Uma das mais difíceis artes, certamente, é a da escrita. Ela nos remete à superação de dificuldades, a desafiar limites, a enfrentar barreiras, mas também, ela mantém viva a memória, tão fundamental e importante em tempos tão voláteis. Registrar nossas descobertas, refletir as aprendizagens, instigar outros a empreender o mesmo desafio, foi isso que os autores, acadêmicos e acadêmicas do curso de Arquitetura e Urbanismo da URI – Câmpus de Frederico Westphalen fizeram, eles trouxeram a público suas descobertas.

Essa publicação tem um valor simbólico especial para esse grupo de acadêmicos, porque pela sua entrada no Ensino Superior, a disciplina que os desafiou é trabalhada no primeiro semestre do curso, portanto, os autores e autoras, aqui apresentados, são ingressantes do curso, estão fazendo sua primeira experiência formal de escrita acadêmica através de uma publicação que contempla relatos de atividades que desenvolveram ao longo do semestre.

Sem dúvida, apresentar esses escritos me encheu de orgulho porque acredito antes de tudo no potencial humano, na capacidade de nossos alunos e igualmente, na competência de nossos professores de promoverem momentos que se immortalizam na formação dos nossos jovens acadêmicos. Parabéns aos autores, à professora Jussara Jacomelli e à professora Alessandra Gobbi Santos, Coordenadora do Curso e grande incentivadora do crescimento de seus alunos.

**Silvia Regina Canan**

Diretora Geral da URI – Câmpus de Frederico Westphalen

# **HISTÓRIA DA ARTE E ARTE EM SUCATAS: ARQUITETURA E CRIATIVIDADE EM TEMPOS DE SUSTENTABILIDADE**

**Jussara Jacomelli<sup>1</sup>**

Neste artigo busca-se, modestamente, trazer para a discussão a disciplina de História da Arte e da análise histórica, tendo como referência o caminho percorrido para a efetivação da atividade prática de reaproveitamento de descartáveis na produção de objetos de arte realizada no ano de 2014. A experiência teve início no ano de 2012, na disciplina de História da Arte do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen. No primeiro ano, a especificidade foi criar objetos para interiores; no segundo ano, para espaços exteriores e no ano de 2014, optou-se pela liberdade de escolha. Nos três anos em que essa experiência foi posta em prática, os temas ficaram à escolha dos grupos de acadêmicos que deveriam ter como prerrogativa a relevância social da escolha, a construção teórica consolidada pelas discussões e os debates realizados na disciplina, além de apresentar as especificidades do objeto construído e estudado. Metodologicamente, essa atividade no ano de 2014 teve como base estudos teóricos sobre arte com enfoque para autores e obras. A partir disso, houve a organização da turma em grupos; a escolha temática (ideias/conceitos a serem problematizados); o estudo do espaço ideal para o objeto; o uso da imaginação; a criação de designer (projeto do objeto); a busca de materiais descartáveis e a implementação do projeto. Os resultados foram socializados com os colegas e a comunidade, consistindo em: apresentação do processo de construção, produção textual e participação na mostra da “arte com sucatas” organizada na Biblioteca da Universidade e aberta ao público em geral.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Em uma sociedade caracterizada pela disseminação das ideias do capital como prerrogativa de ascensão social em detrimento das reais necessidades do ser humano, contribuir, na academia, para a formação profissional e cidadã, requer uma base de discussões

---

<sup>1</sup> Doutora em Desenvolvimento Regional; Mestre em História; Professora e Pesquisadora na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen, RS. Participa dos seguintes grupos de pesquisa: AUTECH; Pesquisa em História; Direito e Cidadania na Sociedade Contemporânea. Emails: jacomelli@uri.edu.br; jjacomelli@brturbo.com.br.

históricas contextualizadas no tempo e no espaço e de forma interdisciplinar. Por isso, neste texto, busca-se, modestamente, trazer algumas discussões em torno da disciplina de História da Arte e, conseqüentemente, da análise histórica, apresentando o caminho percorrido para a efetivação da atividade prática de reaproveitamento de descartáveis na produção de objetos de arte realizada no ano de 2014.

Entende-se que o estudo da arte, a partir da análise histórica, contribui para a sensibilização humana para com o outro e para com o ambiente do qual o homem faz parte, porque a arte é mais que o objeto, é o todo, é o conjunto. O objeto, no entanto, é o caminho que facilita ao pesquisador a busca das relações possíveis no estudo das obras, dos autores, das técnicas, das ideias e dos processos pertinentes à história das sociedades. Ou seja, o objeto, apesar de ter um proprietário, ao fazer parte do território passa a agregar à história do todo, visto que nele e a partir dele pode-se entender, por exemplo, como se chegou a determinados conceitos a exemplo do conceito da palavra “posse”, um termo usual na sociedade contemporânea:

A sociedade que conhecemos e que chamamos de histórica é a sociedade da posse; o objeto vale enquanto pode ser possuído por um sujeito. Mas, uma vez que o objeto é um conjunto de relações, possuindo o objeto, o sujeito possui algo que vale também para os outros, para todos. Numa civilização da posse, há quem possua e quem faça que o outro possua. Mas quem faz possui a técnica de fazer objetos e, portanto, teoricamente, todos os objetos que possa fazer: cada objeto foi possuído por quem o fez antes de qualquer outro. [...]. (ARGAN, 2005, p. 38).

Discutir a “posse” parece estar desconexo da ideia de História da Arte, mas, essa é uma prerrogativa necessária e cada vez mais atual, visto que o mundo da “posse” é o mesmo mundo da técnica, e, todavia, o mundo da técnica, das descobertas, apesar de disponível, não está ao alcance de todo o conjunto da humanidade. As formas, como, por exemplo, as legislações, - entendidas aqui, a partir do contrato social quando, teoricamente, o Estado passou a ser conduzido por representantes da sociedade de forma “acordada” socialmente - são materializadas em lugares, em fazeres, em resultados pré-estabelecidos e são mostras da diferenciação social visível nos desenhos artísticos que formam os cenários arquitetônicos urbanos.

Desenhos de cenários urbanos que evidenciam os excessos e as precariedades do habitar, do vestir, do alimentar-se, do produzir e do descartar. Tem-se, assim, em meio à abundância (para poucos) e à escassez (para muitos), a produção inconsequente de descartáveis, lixos, que de alguma forma subsidiam a indústria que se alimenta de novidades.

Novidades, que significam mudanças e que se situam na realimentação do processo do consumo e do descarte. Assim como as palavras símbolos desse processo mudam, alteram-se também as formas de viver dos homens. É um processo rápido, caracterizado pelo mundo da informação midiática que passa a ser assimilada pelos “consumidores” como verdade ou verdades, sem a realização de uma mínima reflexão e/ou seleção de conceitos e ideias. Facilmente o “consumidor” se embebe das informações e, conseqüentemente, colocando-as em prática, contribui para o fortalecimento e a dinamização de relações sociais, não próprias de seu mundo, mas pertinentes ao mundo da indústria (dos industriários).

A angústia e a insatisfação são características do universo do homem-consumidor porque busca alcançar aquilo que “supostamente” seria o ideal, não, como já dito, das suas prerrogativas pessoais, mas do que lhe foi “induzido” como prerrogativa necessária para a felicidade. Assim como as palavras-chave da indústria do consumo mudam rapidamente, muda o valor posto nos objetos de consumo, o perfil de consumo e de consumidor. Em menos de 15 anos, pode-se ler a passagem rápida de palavras-chave nutrindo o interesse final da indústria e, igualmente, o perfil do trabalhador e do consumidor ideal. Um período curto, no qual se observou, por exemplo, a passagem do uso da palavra “objetivo” para a “inovação” como grande “boom” da modernidade. Pergunta-se, de “objetivo” para “meta” e de “meta” para “inovação”, entre outras palavras, que proposta(s), conceito(s) ou projeto(s) encontra(m)-se veiculados(s)?

Neste conjunto de situações, os valores, por exemplo, quando situados no âmbito comercial mudam, porque “mudar”, “alterar”, “substituir”, “inovar” constitui a “alma” do sistema econômico atual. A reflexão, a teorização, em um processo assim caracterizado, é o mínimo que se pode realizar na academia visando o humanismo. Os estudos de História da Arte contribuem para trazer à cena a capacidade humana de “parar” para discutir conceitos e ideias; objetos e desenhos e, igualmente, o “estado” humano de sensibilidade para com a vida. “Vida”, aqui entendida, no sentido da realização humana.

Estudar e interpretar os significados e as necessidades do homem a partir do “ler” e do “reler” a arquitetura urbana, seus desenhos e, igualmente as formas de vida, os conceitos de organização social, de belo, de necessário; em fim, entender e interpretar o “valor” deliberado aos objetos que constituem as vivências sociais, os desenhos dos territórios foi um desafio delineado no estudo dos objetos ou obras de arte no percurso da disciplina de História da Arte. Entre as atividades práticas desenvolvidas na disciplina, a arte com sucatas, desde 2012, vem

constituindo uma das prerrogativas interpretativas e de possibilidade de reflexão sobre a sociedade, a arquitetura e o urbanismo na contemporaneidade.

## **1 UM POUCO DE TEORIZAÇÕES: HISTÓRIA DA ARTE, ARTE, ARQUITETONICA E SUSTENTABILIDADE**

Nos tempos atuais uma das questões preponderantes está na possibilidade de urbanizar a partir de uma arquitetura territorial sustentável. Sustentabilidade que vai além do conceito ambiental e que chega às instituições sociais, como as representações políticas e as organizações econômicas. Em 19 de setembro de 2014, lia-se no Jornal Zero Hora: “os 61 bilionários do Brasil têm 8% do PIB.” Em 20 de agosto de 2014, Coutinho (2014, p.18), no Jornal do Comércio, publicava: “descontentamento com a saúde supera os 90%”.

Continuando, no Jornal do Comércio de 25 de junho de 2014 (p.17), pode-se ler: “número de famílias endividadas cai em junho”, mas, em agosto, no mesmo jornal (2014, p. 15), consta: “inadimplência recorde chega a 57 milhões de brasileiros.” Andrade, em 20 de agosto (2014, p. 2), publica no mesmo jornal: “A corrupção enjoa e desanima, ainda mais quando praticada com entes públicos e com o dinheiro de todos.” A este quadro nacional, soma-se o drama mundial do desemprego,

Escassez de empregos é a tragédia do século XXI. Será necessário gerar 600 milhões de empregos na próxima década, segundo a Organização Internacional do trabalho. O pior é que atualmente mais de 100 milhões de pessoas estão desempregadas nas economias do G-20 e 447 milhões foram considerados trabalhadores pobres, vivendo com menos de US\$ 2,00 por dia. (ANDRADE, 2014, p. 2).

O quadro apresentado e desenhado no ano de 2014 em noticiários indica a necessidade de repensar sobre a história e a vida do homem, em especial, no que diz respeito à organização e aos usos dados ao território. Nessa perspectiva, a disciplina de História da Arte, ao tratar sobre a arte e, como frisa Argan (2005), sobre a valorização do objeto, contribui para refletir sobre os valores que a humanidade trabalhou, vivenciou e que a sociedade contemporânea apresenta como ideal. Sociedade contemporânea que criou a primazia do dinheiro e do “status”. Status que muda sempre e embalado pelo ideal do consumismo, uma prerrogativa que relega milhões de pessoas a viverem em condições sub-humanas.

Ao enxergar os desenhos que o homem constrói no território, as figuras geométricas, os labirintos, os locais abertos e fechados, as vias, avenidas, os corredores, os ícones, as pinturas, as esculturas, os casarões e os casebres, os edifícios e as montagens de papelões e

outros, veem-se as obras humanas estabelecendo condições de vida, definindo lugares e condicionantes. Enxergar o território e os desenhos nele esculpido com os olhos da história e, em especial, a partir da interpretação da arte, é um caminho para repensar os valores da sociedade contemporânea, os nossos valores. Afinal, se o desejo da pessoa humana é a felicidade, pergunta-se: os desenhos que caracterizam o território mostram a realização desse desejo? Por quê? A disciplina de História da Arte pode contribuir para a realização dessa leitura?

### **1.1 História da Arte**

O grande desejo do homem, como já dito, é ser feliz. A sociedade contemporânea, embalada pelo conceito criado pelos industriários de que ser moderno é consumir, é estar sempre na moda, é romper com o passado, é inovar sempre, tem resultado em angústias, insatisfações e ansiedades. O dinheiro nunca é suficiente: o desejo é acumular e expropriar a um custo humano sem precedentes de forma que, em plena era de técnicas e conhecimentos em abundância, parte da humanidade se encontra condenada a viver de misérias e a buscar saídas escapistas e de momento para fugir da fome, da falta de habitação, do desemprego, entre outros.

Se a cidade é arte, então não basta admirar as obras de arte, é preciso entendê-las, “aprender o estilo e a forma de ver as coisas de um país, de um período, de um artista, caso queiramos aprender adequadamente a obra.” (JANSON; JANSON, 2009, p.7). A história da arte é o estudo da arte e a arte é a história do homem, visto que, “a necessidade do presente é demonstrável: a arte é fazer e, fazendo, se faz o presente.” (ARGAN, 2005, p. 36). Um presente resultado de obras artísticas que permitem ao pesquisador, ao transeunte atento, o estabelecimento de um “diálogo visual” com a história em diferentes tempos e espaços.

Ao entender a História da Arte como história também do contexto ou a história da cidade como obra de arte, vista e entendida a partir de seus desenhos, é possível construir e alimentar um processo de sensibilidade em relação à vida, às suas representações e, assim, igualmente, em relação ao outro. Antônio Francisco Lisboa, Aleijadinho (séc. XVIII), por exemplo, grande escultor brasileiro, em suas condições precárias de vida e saúde, esculpiu obras que, ainda na época e no processo de sua construção, permitiram o exercício da socialização do conhecimento sobre técnicas artísticas e técnicas de cooperação. Contemporaneamente, suas obras são motivadoras de turismo em Ouro Preto e, juntamente

com todo o desenho da cidade, viabilizam e alimentam vidas porque constituem fontes de trabalho e de renda.

O caso permite dizer que estudar uma obra de arte requer pensar no que ela significa para a contemporaneidade e para o contexto de sua temporalidade e espacialidade, para o mundo da técnica, dos valores e da “posse”. Segundo Argan (2005), a História da Arte é uma disciplina que apresenta a especificidade do estudo da arte, caracterizando-se pela busca da explicação em sua globalidade e considerando a relação entre todos os fenômenos artísticos em seu espaço temporal. Ou seja, estudar um objeto de arte consiste em identificar, em seu interior, as relações de que é produto e, fora dele, as relações das quais é produtivo, porque um estudo de história da arte acontece na análise do contexto, do texto, dos intertextos, das especificidades e das articulações possíveis.

A arte faz parte da habilidade humana de sobrevivência. Conforme Janson e Janson (2009), o homem anda sobre dois pés a aproximadamente dois milhões de anos. No entanto, os vestígios encontrados dos primeiros utensílios por ele utilizados, datam de seiscentos mil anos mais tarde. Esses vestígios são os fenômenos artísticos que permitem saber sobre a existência do homem. Por isso, desde a época mais remota, nenhuma obra ou conhecimento humano é negligenciável, ao contrário, soma ao legado histórico da humanidade para a atualidade.

Afinal, quem é o homem? Uma interrogação contínua, precedente e recorrente. Talvez seja possível dizer que o homem é um ser artístico, um criador de habilidades, técnicas e, portanto, um modificador de habitats. Difere de outros seres porque age de forma planejada. Nesse sentido, as obras de arte apresentam e permitem estudar conceitos que, de alguma forma, foram valorizados em um determinado tempo e época, e, que, sua preservação no hoje tem como “pano de fundo” a corporificação de algum tipo ou forma de valorização, de “posse”.

## **1.2 Arte**

Segundo Martins et al (1998, p.76), “A linguagem da arte fala e é lida por sua própria língua” e para que exista é preciso que haja a sua criação, que alguém a “crie”, “lhe dê vida”. Na obra de arte, portanto, há conhecimento humano, técnica de trabalho, de construção, de realização e é resultado da imaginação criadora que de alguma forma absorve conhecimentos e ideias produzidos no passado e que, igualmente, incorpora a idealização de um futuro imaginado. Para Argan (2005, p. 15),

Cada obra não é apenas resultado de um conjunto de relações, mas determina, por sua vez, um campo de relações que se estendem até o nosso tempo e o superam, uma vez que, assim como certos fatos salientes da arte exerceram uma influência determinante mesmo à distância de séculos, também não se pode excluir que sejam considerados como campo de referência num futuro próximo ou distante.

Apesar de ter sido a burguesia, a responsável por dar a condição de componente essencialmente urbano, a arte não pode ser considerada como produto da burguesia, assim como, não pode ser colocada como resultado somente da política e da religião. Vista e entendida como componente cultural de um povo, constitui elemento para fundamentar questões e ideias no conjunto da política, da religião, em fim, da organização social de uma sociedade. Janson e Janson (2009, p. 7) afirmam que “na arte, assim como na linguagem, o homem é, sobretudo, um inventor de símbolos que transmitem ideias complexas sob formas novas.”

A obra de arte, todavia, não se completa por ocasião da sua criação, mas com as constantes interações de seus observadores, admiradores e usuários. Isso porque “toda produção artística é o resultado de uma elaboração signifi- cante que é única, exclusiva de quem a faz”. Porém, “a produção ou leitura desta criação carrega todas as referências pessoais e culturais presentes nos seus autores e leitores.” (MARTINS et al, 1998, p.80). Além disso, ainda Martins e outros (1998, p.80) seguem, expondo que “autor e obra sofrem todas as influências de seu mundo físico, filosófico, sociológico, psicológico, político, histórico, religioso, cultural.” Assim, a arte resulta do trabalho, do artista, do seu universo temporal e espacial e, conforme Arnheim (2011) é produto de organismos e, por isso, complexa tanto quanto eles.

Se o ser humano é um ser complexo (Arnheim, 2011) e se a arte é produto de uma ideia “ideal” (Janson e Janson, 2009), é possível perceber a dimensão e a complexidade da criação de uma obra de arte. A “cidade”, por exemplo, resultado de projetos arquitetônicos, de projeções de objetos, é também a síntese do embate, da difusão de diferentes ideias do que seja esse “ideal”. Ideal que somado à intenção do “ser moderno” projetado pela indústria, permite refletir sobre a dificuldade, a complexidade e, igualmente, sobre a necessidade de realizar análises históricas e interdisciplinares do seu desenho, das permanências e das mudanças, dos interesses mobilizadores, formadores e dos resultados a que as ações humanas chegam.

Desdobrada da História, a disciplina de História da Arte tem como característica a criticidade, que permite a fuga da ideia de história como verdade (dogmática), da visão progressista e da história tradicional. (ARGAN, 2005). Ou seja, despida de dogmatismos e

aberta para a interdisciplinaridade, é fonte de conhecimentos e comunicação. Conhecimentos alicerçados na comunicação, uma experiência humana ímpar.

A comunicação constitui, entre outros, o grande patrimônio histórico da humanidade. Comunicar e manter vivas as formas de comunicação no tempo e no espaço têm sido uma das grandes questões humanas. As obras de arte não são obras do acaso, mas aparecem em um contexto, resultam de ação humana, de técnicas, de ideias de formas e de funções projetadas e concretizadas no espaço.

### **1.3 Criatividade arquitetônica e sustentabilidade**

Entender a sociedade da posse e o conjunto da humanidade que precisa de um mundo sustentável no modo de organizar o território e a vida social, talvez seja o desafio para os planejadores, gestores da cidade e, principalmente, para aqueles que trabalham com a formação acadêmica profissional e cidadã. Desafio, não no sentido de realizar descobertas fascinantes, mas no sentido de agregar formas de sustentação para a equidade social no Planeta Terra. A sociedade atual, ao adotar os princípios dos comandantes da indústria, condicionou-se como sociedade do descarte. Consumir e descartar se tornou o fascínio “moderno”.

Além da situação a que estão submetidos milhares de pessoas no mundo, desprovidas do mínimo para uma sobrevivência digna; o lixo contribui para tornar ambientes inapropriados para a vida porque doentes e proliferadores de doenças. Ter criatividade para a busca de soluções para as demandas sociais por condições de vida digna, por equidade social e para a diminuição do processo de consumir e descartar, são desafios da contemporaneidade.

Para Sen e Kliksberg (2010), o rápido e extraordinário desenvolvimento tecnológico que caracteriza a atualidade do Planeta, não trazem benefícios para todas as pessoas, visto que, para exemplificar, apesar de haver a produção de alimentos em abundância, cerca de 1 bilhão de pessoas passam fome no mundo, 18 milhões de pessoas morrem anualmente por razões como desnutrição e outras referentes à pobreza. O que falta à maioria da população mundial sobra para uma minoria. O capital acumulado pelas variadas camadas da população mundial, de acordo com a verificação da Universidade das Nações Unidas é ainda maior. Os 10% mais ricos possuem 85% do capital global, enquanto que metade dos habitantes do mundo possui apenas 1%”.

Segundo Camargo (2008, p. 308), nas décadas finais do último século houve avanços em termos da busca da construção de uma agenda global para assegurar “o desenvolvimento social com maior equidade, expansão do emprego produtivo e erradicação da pobreza”, Contudo, a concretização dessa agenda não está acontecendo. Apesar das Conferências Mundiais sobre o meio ambiente, sobre população, sobre desenvolvimento social, mulher, sobre o habitat, entre outras, milhares de pessoas morrem anualmente por falta de água tratada e o índice de mortalidade infantil é elevado, sendo que muitas vezes o custo da cura é insignificante,

Dezenove crianças com menos de 5 anos de idade morrem a cada cinco minutos de pneumonia. Os antibióticos para o tratamento da doença custam 27 centavos de dólar. E mais de 9 milhões de crianças nem chegam a completar cinco anos de idade, morrem por diarreia ou desnutridas. (SEN; KLIKSBURG, 2010, p.8).

Em vista da realidade exposta, os pesquisadores e os estudiosos em História da Arte, não podem se furtar de problematizar os contextos humanos. Para isso, as obras de arte, são objetos de excelência. Bertolt Brecht, além de artista, com seu poema “Perguntas de um trabalhador que lê”, exemplifica o que é ser um pesquisador, um historiador de obras de arte. Trazendo para a cena obras de arte desde a Antiguidade até a atualidade, se reporta ao contexto das mesmas com um discurso questionador, trata da organização da sociedade, das técnicas, do trabalho e dos resultados, a exemplo da exclusão dos trabalhadores dos benefícios e do usufruto dos bens do trabalho.

O pequeno poema de Brecht mostra o significado histórico das obras de arte e, ao mesmo tempo, permite compreender o potencial da análise histórica em obras de arte. A disciplina de História da Arte, em um Curso de Arquitetura e Urbanismo, em que pese o valor da estética, deve trazer para o discurso o potencial da historicização da obra como um fato social, contribuindo, assim na construção, não só de conceitos técnicos profissionais, mas, também, de conceitos de cidadania.

## **2 A ANÁLISE HISTÓRICA**

Para a realização de estudos de obras ou objetos de arte é imprescindível a clareza no método, visto que o risco do “uso” do juízo de valor por parte do pesquisador é muito grande. Isso porque a arte tem um sentido, não só para quem a faz, mas, também, para quem a estuda, observa e a pesquisa.

Ainda, ao se realizar um estudo tendo como referência objetos (obras) de arte, é preciso considerar que, nas sociedades humanas, a tudo é dado um valor e que, nele – valor -, está o sentido da existência de algo. Para Argan (2005, p. 13),

Uma vez que as obras de arte são coisas às quais está relacionado um valor, há duas maneiras de tratá-las. Pode-se ter preocupação pelas coisas: procura-las, identifica-las, classifica-las, conservá-las, restaurá-las, exibi-las, compra-las; vende-las; ou, então, pode-se ter em mente o valor: pesquisar em que ele consiste, como se gera e se transmite, se reconhece e se usufrui.

Tendo em vista que o valor de “coisa”, de alguma forma interfere na análise de obras ou objetos de arte, estudiosos do tema indicam alguns problemas e situações a serem consideradas. Argan (2005) chama a atenção para os estudos de arte caracterizados como hipótese experimental de atividades de estética, porque no resultado está implícito um “juízo de valor” que o pesquisador não pode negligenciar ou ignorar. Macedo (1972), em pesquisas sobre a arquitetura do Município de Rio Pardo, ainda em 1972, aponta para o problema do descaso público e para o problema da realização de estudos focados somente na “questão de estilo” ou de “detalhe de escola consagrada.” Segundo o autor, nessas pesquisas, o estudo de um prédio, por exemplo, é realizado “desligado de seu processo de realização, de seu desenvolver-se no tempo que inclui o esforço e o trabalho da sociedade e que lhe dá esse sentido anímico de participação do grupo social e da participação dele no grupo social.” (MACEDO, 1972, p. 13).

Para que o pesquisador não caia no vício de questões como as expostas, Argan (2005, p. 17) enfoca a importância do estudo de obras de arte tendo como “valor” a pesquisa, para o que, o método de pesquisa adotado pode ajudar. O método tem como função “fornecer ao juízo um fundamento de experiência que reduza ao mínimo a margem de arbítrio, o risco de introduzir um não valor numa série de valores e o risco de construir, assim, uma falsa história.” Para que o método seja adequado, os autores situam vários critérios, considerando desde a obra, o autor e o contexto do país, por exemplo.

Um critério válido, segundo Janson e Janson (2009, p. 7) é o conhecimento dos costumes referentes a formas de “leituras” veiculadas no território, sobre o objeto e sobre/do o artista. Ou seja, é preciso “aprender o estilo e a forma de ver as coisas de um país, de um período e de um artista” para compreender adequadamente uma obra. A originalidade é outro critério que deve ser considerado e, como situa Argan (2005), é um aspecto fundamental uma vez que,

[...] a ação artística é uma ação que pressupõe um projeto – portanto, o procedimento da cópia, que substitui a experiência e o projeto pelo modelo, não é artístico. E o projeto é uma finalidade que, realizando-se no presente, assegura à ação um valor permanente, histórico [...]. A relação experiência-projeto reflete a relação em que se fundamenta a ideia da ação histórica e, por conseguinte, sua representação, a história falada ou escrita. (ARGAN, 2005, p. 23).

Tendo como pressuposto a originalidade do objeto, Argan (2005) segue situando outros dois critérios: o estudo da matéria estruturada como o conteúdo cultural da obra e os esquemas culturais do tempo; o estudo do processo estruturante, que consiste no estudo do fazer, a sequência de operações mentais e manuais de experiências culturais, ou seja, a relação funcional entre a operação técnica e o mecanismo da memória e da imaginação.

Devido à complexidade do “estudo da arte”, Argan (2011) indica como profissional capacitado para conduzir o processo, o historiador, haja vista que “qualquer pessoa pode admirar uma obra de arte [...]. Mas apenas o historiador, que a situa numa série de fatos deles percebe a necessidade da continuação da série, entende o seu significado.” (ARGAN, 2005, p. 33).

Arnheim (2011) soma aos demais autores, ao tratar das noções de totalidade e de especificidade no estudo de uma obra ou objeto de arte, visto que as partes constituem o todo, assim como o todo não existe sem as partes porque há um conjunto de relações que fundamenta a existência de algo, ou seja,

Se alguém quiser entender uma obra de arte, deve antes de tudo encará-la como um todo. O que acontece? Qual é o clima das cores, a dinâmica das formas. Antes de identificarmos qualquer um dos elementos, a composição total faz uma afirmação que não podemos desprezar. Procuramos um assunto, uma chave com a qual tudo se relacione. Se houver um assunto instruímo-nos o mais que pudermos a seu respeito, porque nada que um artista põe em seu trabalho pode ser negligenciado impunemente pelo observador. Guiado com segurança pela estrutura total, tentamos então reconhecer as características principais e explorar seu domínio sobre detalhes dependentes. Gradativamente, toda a riqueza da obra se revela e toma forma, e, à medida que a percebemos corretamente, começa a engajar todas as forças da mente em sua mensagem.

Assim sendo, arte é de alguma forma, a preservação da memória da história humana. Estudá-la, pressupõe base teórica, projeto e método claro. A análise histórica situa-se como caminho possível para a realização de estudos coerentes e necessários para o conhecimento da arte e, conseqüentemente da sociedade e, igualmente, do homem. Observa-se, também, que a análise histórica de objetos de arte é fundamental para a formação acadêmica de arquitetos urbanistas, haja vista que esses profissionais vão tratar especialmente das questões contemporâneas de organização da vida urbana, dos usos do território.

## **2.1 Arte com sucatas: uma experiência de análise histórica**

A análise histórica permite reflexões em torno do significado do território, seus usos e desenhos, bem como, sobre o reaproveitamento dos recursos da natureza, da sustentabilidade, da produção econômica e da difusão de ideias. Em uma sociedade que assume o consumo como regra e o descarte como condição social; a criatividade e a representação são elementos importantes para o questionamento dos conceitos econômicos, sociais e políticos em cena e, também, para a difusão de ideias cooperativas e sustentáveis.

A produção realizada na Disciplina de História da Arte, pelos acadêmicos do primeiro semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo, foi centralizada na ideia de uso de materiais descartáveis e no valor da criatividade em torno de temas de relevância social. A atividade foi precedida de teorizações, pesquisas e estudos sobre a arte no percurso histórico da humanidade, sobre a sociedade do descarte, tendo em vista a necessidade de criar possibilidades para a superação dos problemas que afetam a vida em sociedade, a exemplo do lixo, do medo, do desemprego, da discriminação, entre outras situações. Aspectos evidenciados em obras de arte, em desenhos de cidades, edificações, esculturas, pinturas e outros.

A arte é um instrumento que permite representar ideias, sentimentos, identificar possibilidades, convidar para a reflexão não só pela obra em si, mas, também, pelo processo de sua construção. Ou seja, todo histórico que envolve a arte e que dela emana constitui caminho para a reflexão. Divididos em grupos, os acadêmicos passaram a pensar sobre temas de interesse pessoal e que merecessem ser caracterizados em uma obra de arte para espaço de ambiente interno. Deveria apresentar um tamanho pequeno, não ultrapassando 30cm por 45cm. Contudo, essa prerrogativa logo foi descartada porque os grupos passaram a imaginar possibilidades diferentes, incluindo tamanhos maiores que os indicados, bem como novas possibilidades de espaços.

Livres para criar, os resultados foram variados. Alguns grupos focaram na identidade arquitetônica de designers de ambiente interno, catalisando preocupações próprias da profissão enfocando a estética e a utilidade em termos de iluminação, claridade e utilidade. Outros, porém, buscaram fomentar a reflexão sobre a sociedade atual contextualizada em pequenos ensaios históricos dos acontecimentos, dos fatos e ideias e, a partir de temas como a mulher, a paz, a beleza, a mercantilização de obras de arte, o cinema, a fotografia e a viação,

por exemplo. Todos os temas tratados tiveram a costura da reutilização como possibilidade criadora.

As produções, além de estudos teóricos, deveriam ser precedidas de um pequeno projeto constando o desenho do objeto artístico, a descrição do caminho a ser percorrido para a sua construção listando, também, os materiais necessários e a justificativa da proposta. Outro critério básico foi o envolvimento de todos os componentes do grupo. Os estudos teóricos e a produção do projeto e a posterior produção textual foram atividades realizadas em aula. A montagem do objeto foi realizada em horário extraclasse. Para concluir, houve a partilha das produções disponibilizadas para a observação pública na Biblioteca da Universidade, no Município de Frederico Westphalen, acompanhadas das respectivas produções teóricas.

### **3 RESULTADO**

A produção de objetos em sucatas, com uma turma de primeiro semestre de um Curso de Arquitetura e Urbanismo não teria nenhuma dificuldade, se não fosse caracterizada pelo suporte de estudos teóricos, da construção de pequenos projetos de designers e de uma produção textual. A ideia dos acadêmicos iniciantes é de que a prática deve envolver o todo do curso. O estudo teórico, a leitura, o envolvimento no debate, nas perspectivas de pensar o outro e a realidade social, política, econômica e cultural que constituem as obras de arte e, conseqüentemente a sociedade, não lhes parecem fundamentais, nesse momento.

Assim, em termos específicos, levar os acadêmicos iniciantes na Academia, a teorizar dentro de uma pequena perspectiva de estudos científicos, vinculados à utilização do acervo disponível na Biblioteca, e, também, fugindo da ideia “totalizante” de que na internet tem tudo, foi o grande desafio. Desafio esse, que trouxe vários resultados positivos: compilou os primeiros passos no caminho de produções com base em ensaios de projetos e teorizações.

Em termos gerais, esse “História da Arte: Ensaio de Criatividade II” realizado no ano de 2014, na disciplina de História da Arte, se mostrou singular na medida em que contribuiu para levar os acadêmicos a estudar a sociedade humana a partir de referenciais de obras de arte criadas ao longo do percurso da história da humanidade, das ideias e dos valores estruturadores das obras e do contexto. Além disso, permitiu refletir sobre a sociedade contemporânea, os elementos basilares da sociedade capitalista, sua estruturação e sobre o

papel dos profissionais, como os arquitetos urbanistas, envolvidos na organização dos usos do espaço nesta sociedade.

Refletir e buscar um tema para discutir e desdobrar em “arte com sucatas” permitiu, ainda, o envolvimento dos acadêmicos com a comunidade, tanto por ocasião da produção (momento de aprendizagem técnica), quanto por ocasião da socialização. Igualmente, o processo de idealizar, buscar subsídios e tornar real o objeto foi um caminho que permitiu aos mesmos “experienciar” o ato de projetar com base em teorizações, justificativas e em pequenos estudos diagnósticos de idealização, necessidade, condições e realização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se dizer que a arte acompanha a história do homem e, assim, constitui em registro real da história da humanidade. Tudo o que temos e somos de alguma forma, é o resultado da criatividade humana e da “bondade” da natureza. A história da arte é, dessa forma, uma disciplina singular porque permite ao homem refletir sobre si mesmo, sobre a sociedade e, permite àquele que quer instrumentalizar-se nos horizontes da arquitetura e do urbanismo enxergar, além do tecnicismo e das habilidades, o outro, a sociedade, as possibilidades humanas, sociais e ambientais permitem ter a contribuição da História da Arte, não somente na formação profissional, mas, na formação cidadã e humanitária.

Unir a teoria e a prática em torno da representação de temas, ideias de relevância social com materiais descartáveis, em sucatas, foi, com certeza, um exercício de criatividade e que permitiu e permite a cada acadêmico e a mim, como professora, analisar o caminho, as projeções e as práticas escolhidas para o alcance do objetivo profissional proposto; permitiu e permite analisar o significado da criatividade, do processo de projetar, justificar, fundamentar uma ação, bem como, refletir sobre a competência técnica-profissional, a formação humana desejada e os caminhos escolhidos para alcançar a realização.

## **REFERÊNCIAS**

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 34 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

CAMARGO, Aspásia. Governança para o século 21. In: TRIGUEIRO, André (coord.). **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. 5 ed. SP: Armazém do Ipe (autores Associados), 2008.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Rio Pardo, a arquitetura fala da história**. Porto Alegre: Sulina, 1972.

MARTINS, Miriam; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo, poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

JORNAL ZERO HORA. Os 61 bilionários do Brasil têm 8% do PIB. Caderno Economia. 19 de Setembro de 2014.

JORNAL DO COMÉRCIO. Inadimplência recorde chega a 57 milhões de brasileiros. Caderno Economia, 22,23,24 de Agosto de 2014.

JORNAL DO COMÉRCIO. Número de famílias endividadadas. Caderno Economia, 25 de Junho de 2014.

ANDRADE, Roberto Brenol. A corrupção que enjoa e desanima o País. **Jornal do Comércio**. Opinião. 20 de Agosto de 2014.

ANDRADE, Roberto Brenol. Escassez de emprego. **Jornal do Comércio**. Opinião. 11 de Setembro de 2014.

COUTINHO, Paula. Descontentamento com a saúde supera os 90%. **Jornal Zero Hora**. Gestão Pública. 20 de agosto de 2014.

SEN, Amartya. **As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

# **MULHER: A SUBMISSÃO CULTURAL NÃO A OCULTOU HISTORICAMENTE**

**Juliana Florência da Silva Lima  
Kélin Palinski  
Rosa Adriana Comin  
Simone Tubias**

## **INTRODUÇÃO**

Nos dias atuais, debater ou refletir sobre a figura feminina, tornou-se algo mais agradável do que em tempos passados. Trazer para a reflexão a figura feminina que atua na sociedade, desenvolvendo vários papéis como, mãe, chefe de família, profissional bem sucedida, tem como objetivo mostrar que, mesmo desempenhando essas funções, a mulher não deixa de lado a sua feminilidade, a sua sutileza e a sua essência de ser mulher.

A mulher ocidental esteve por muito tempo moldada para exercer apenas o papel de mãe, dona de casa, submissa tanto ao cônjuge como à sociedade. No entanto, através de muitas lutas e sacrifícios, vem conquistando espaços sociais e econômicos, criando novos horizontes para sua participação na sociedade, libertando-se da identidade de sexo frágil.

## **1 JUSTIFICATIVA**

A Arte está ligada à vida. A imaginação e a cultura de um povo influenciam na produção artística possibilitando diferentes formas de representação. Não há sociedade sem uma criação simbólica ligada à vida. O corpo, por exemplo, tem sido ao longo da história da humanidade uma das fontes de inspiração para representar a vida.

Foi na perspectiva de refletir sobre a vida, que, ao desafio de desenvolver um objeto de arte, respondemos com a escolha da representação de figuras femininas. Figuras essas presentes nas obras artísticas desde os primórdios da história da humanidade. A obra “MULHER” traz diferentes formas de representação das figuras humanas tendo como núcleo o corpo. São corpos nus e corpos vestidos que mostram a arte como representação da intimidade, do cotidiano, do transitório, dos hábitos e, neles, a doçura dos corpos da presença do ser feminino.

## **2 REFLEXÕES TEÓRICAS**

Em inúmeros contextos históricos as relações de gênero são construídas a partir das diferenças sexuais, porém estas diferenças não são naturais, mas resultado de conceitos sociais. Por ser uma construção social, não se apresentam da mesma forma em todas as épocas e lugares e, mesmo hoje, com as conquistas femininas, ainda há grande diferença no tratamento destinado aos homens e às mulheres devido à influência dos costumes de cada lugar e sociedade e da experiência cotidiana das pessoas. Assim, as diferenças variam de acordo com a cultura, com as leis, as religiões e com a maneira de organizar a vida familiar e a vida política de cada povo.

A história das conquistas femininas registra permanente enfrentamento da desigualdade. Segundo Strey et al, (2000), a submissão e a resistência sempre fizeram parte da vida das mulheres, inclusive, o presente evidência que as conquistas femininas são mais aparentes do que substanciais, o que mostra a importância de fomentarmos a reflexão sobre a presença feminina na atualidade e sua participação na realidade social.

Nosso objeto de arte, composto de duas mulheres, foi construído para atender a vários objetivos. Primeiro buscamos mostrar que a beleza feminina, do ser mulher, ultrapassa a estética: é pureza do gênero e é história. Sobre a beleza, Winckelmann apud Jeudy (2002, p. 25), diz que: "[...], o maior sujeito da arte é o homem ou apenas seu lado externo, sendo difícil para o artista explorar seu interior. E o assunto mais difícil é a beleza, tão paradoxal que isso possa parecer. Mas a beleza propriamente dita não se sujeita a números e medidas".

Segundo, o nosso objeto de arte foi desenvolvido com objetivo de trazer para a reflexão a vida a partir da valorização feminina, da convicção de que todas as mulheres são belas, portadoras da essência do “ser feminino” desde o nascimento e visível na inocência da criança, no desabrochar da adolescência, na maturidade e no envelhecer. Nesse sentido,

Cada mulher tem seu esplendor, é um equívoco pensá-lo apenas como um relâmpago de juventude, um brilho de raquetes e pernas sobre as praias do tempo. Cada idade tem seu brilho e é preciso que cada um descubra o fulgor do próprio corpo. A mulher madura está pronta para algo definitivo. (SANT’ANNA, 2002, p. 10).

Terceiro, nosso objeto resultou da percepção da importância e do significado da figura feminina na sociedade e nas obras de arte. Quarto, por sermos mulheres e por entendermos que é preciso trabalhar, também na arte, o papel social, a trajetória da mulher e a sua contribuição na construção histórica da humanidade.

### 3 PROJETO

Inspirados na “figura feminina e na influência que a mesma exerce na sociedade nos dias atuais”, resolvemos representá-la na sua essência natural, na sua feminilidade e força.

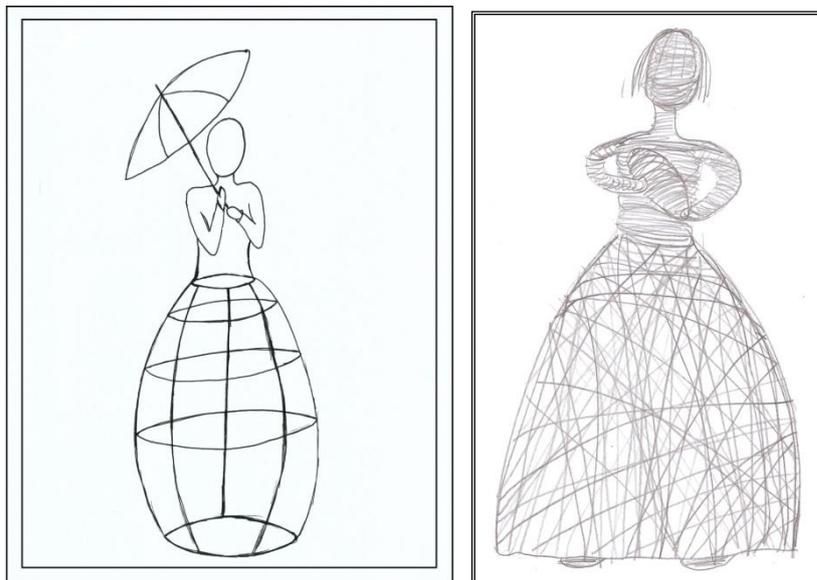


Figura 1: **Mulheres**

Fonte: Desenho produzido por Juliana Florência da Silva Lima; Kélin Palinski; Rosa Adriana Comin; Simone Tubias

### 4 RESULTADO

Na construção das esculturas femininas, tomamos como referência a percepção do contexto histórico da arte, voltado à expressão, à valorização do corpo humano e à valorização dos sentimentos da mulher. Utilizamos para a construção das mesmas, apenas fios de cobre buscando moldar com eles os contornos femininos da obra para transmitir a essência feminina e a sua sutileza.



Figura 2: **Mulher**

Fonte: Objeto produzido por Juliana Florência da Silva Lima; Kélin Palinski; Rosa Adriana Comin; Simone Tubias

Nosso objeto de arte, “MULHER: A SUBMISSÃO CULTURAL NÃO A OCULTOU HISTORICAMENTE”, foi construída com a utilização de fios de cobre. A mulher da figura 02 foi construída com o objetivo de chamar a atenção para questão “Vestida ou despida”. Isto para que possamos refletir sobre o papel na sociedade e sobre o resultado de pesquisa divulgada recentemente pelo Ipea (instituto de pesquisa econômica aplicada) onde consta que 26% da população considera aceitável que uma mulher, conforme a roupa que a mulher estiver vestindo, venha a sofrer algum tipo de violência sexual.



Figura 3: **Mulher-Mãe**

Fonte: Objeto produzido por Juliana Florência da Silva Lima; Kélin Palinski; Rosa Adriana Comin; Simone Tubias

Na figura 03, representamos uma mãe que traz em seus braços um filho. Com ela, chamamos a atenção para a vida e para o social. Ser mãe, não faz da mulher uma pessoa menos profissional. Na verdade, mesmo tendo conquistado vários espaços dentro do mercado de trabalho continua sendo a dona do lar e principalmente MÃE.

## **CONCLUSÃO**

A educação feminina, na história da humanidade, esteve vinculada a pensamentos voltados ao doméstico e ao religioso, a mulher ocidental traz a marca desta construção cultural e histórica. Observamos que, apesar da mulher ter, por muito tempo, seu espaço social negado e até mesmo ter sido oprimida em certos aspectos no contexto histórico, vem buscando direitos sociais e vem cumprindo seu papel de mãe. Na sua luta histórica por direitos, não abdicou de seu ser feminino, de seu ser mulher. Sua beleza vem transcendendo a estética e traduz a essência do ser feminino em tempos difíceis. As obras de arte, mesmo na atualidade, não se furtam a ela, como não se furtaram ao longo do percurso histórico da humanidade.

## **REFERÊNCIAS**

- JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. Editora: São Paulo: Espaço Liberdade, 2002.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **A mulher madura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- STREY, Marlene Neves, et al. **Construções e perspectivas em gênero**. Ed. São Paulo, 2000.
- JAQUELINE KONRATH. Disponível em: [www.jaquelinekonrath.blogspot.com.br](http://www.jaquelinekonrath.blogspot.com.br). Acesso em 15 de Maio de 2014.

# **NARCISISMO, A IDOLATRAÇÃO DA BELEZA VISTA COMO ARTE**

**Claudia Suzan Wandscheer  
Magali Schäffer  
Rita de Cássia da Silva**

## **INTRODUÇÃO**

“Narcisismo, a idolatração da beleza vista como arte”, é o resultado de um desafio que nos foi proposto na disciplina de História da Arte. Algo totalmente diferente, de muita importância social e uma forma de adquirir conhecimento sobre manipulação e aplicação de conhecimentos sobre arte, sobre recursos possíveis de utilização e sobre o uso da criatividade tendo como referência um tema de nossa opção. Optamos, dessa forma, por trabalhar com um objeto que seria visto como algo diferente, objetivando evidenciar a exibição da beleza feminina. Então criamos a “Narcisa”. Nela tratamos desde o surgimento do mito de Narciso à exacerbação da beleza física na sociedade contemporânea, combinado com algo que vem chamando a atenção social, o reutilizar.

## **1 FAZENDO ARTE: A NARCISA**

Com o objetivo de retratar uma mulher que mostrasse a trajetória feminina desde o nascimento do narcisismo até hoje, que retratasse a verdadeira mulher moderna, surgiu a ideia de criamos a Narcisa. Uma mulher, que busca chamar atenção, se exibindo e mostrando sua beleza desde a Antiguidade. Uma mulher que mostra a paixão pela própria imagem. O objeto foi criado com restos de Mármore: a “Narcisa” admirando no espelho a sua imagem totalmente feita de materiais reutilizados.

## **2 REFLEXÕES TEÓRICAS**

A Narcisa é nosso objeto de arte e traz para a reflexão o tema do narcisismo feminino. Toda mulher é um pouco narcisa, podemos dizer.

A versão mais corrente sobre a origem do narcisismo é relatada por Ovidíó (43 a.C.-18 d.C), nas Metamorfoses, e corresponde à transformação do jovem Narciso, filho da ninfa

Liriope e do deus fluvial Cefiso. Jovem, dotado de extraordinária beleza, Narciso se apaixonou pela própria imagem. Assim, “conta o poeta latino” que o jovem ficava “extasiado diante de si mesmo e sem mover-se do lugar” (LEFEVRE, 1973). Nessa posição, com o rosto fixo, absorvido com este espetáculo, ele parecia uma estatueta feita de mármore de Paros. Em postura diferente, deitado no solo, ele aparece contemplando dois astros, seus próprios olhos e seus cabelos dignos de Baco, dignos, também, de Apolo, as suas faces imberbes, o seu pescoço de marfim, a sua boca encantadora e o rubor que colore a névea brancura de sua pele. Em todas as formas, o jovem admira tudo aquilo que suscita a própria admiração.

Incapaz de afastar-se, perdido na contemplação de si mesmo, o jovem deixa de alimentar-se, de dormir, de saciar a sede e, vai definhado à beira da fonte, até consumir-se na paixão impossível. Outros, ao procurarem o corpo do jovem, encontraram apenas uma delicada flor amarela com seu centro rodeado de pétalas brancas que pareciam folhas.

É importante ter presente que, conforme afirmou Xavier “A arte é parte essencial de nosso cotidiano em todos os níveis”. (Xavier, 1990, p. 9), visto que a arte liberta o homem, permite expressão e reflexão. Battistoni Filho (1993, p. 10) diz que “A arte é, em certa medida, uma libertação da personalidade. Normalmente os nossos sentimentos estão sujeitos a toda espécie de inibições e repressões”, como vimos no caso do Narciso. Assim, continua o autor, “contemplando uma obra de arte, sentimos imediatamente uma libertação, como também uma empatia, que significa ‘uma identificação com’, levando-nos a ter estímulos emotivos”.

Os autores Xavier e Battistoni (1993) mostram que arte é libertação, é afinidade, sentimentos que procuramos expressar em nosso objeto de arte. Procuramos representar o que nós, seres pensantes, pensamos e criamos com nossa escolha. Este é o verdadeiro significado da arte, expressar a nossa ideia em conjunto.

### **3 RESULTADO**

A partir do desenho da Narcisa no papel, procuramos o material necessário para a sua construção. Como trata da beleza narcisa, pensamos em utilizar sobras de mármore. O resultado nos impressionou:



Figura 1: **Narcisa**

Fonte: Objeto criado por Claudia Wandscheer; Magali Schaffer; Rita de Cássia da Silva.

## CONCLUSÃO

Para concluir, é importante dizermos que nesta pequena pesquisa e produção que nos foi proposta, aprendemos a sincronia que exercita o trabalho em grupo: o movimento de descobrir mais sobre a verdadeira arte, sobre a criatividade que cada um tem dentro de si e que pode ser utilizada e aprimorada em grupos. Também concluímos que tudo pode ser reutilizado e que nós, com a posição de futuros arquitetos, temos a obrigação de saber definir a nossa própria arte e de defender o meio ambiente usando a nosso favor a reutilização dos materiais com criatividade. Por fim, compreendemos que, em História da Arte, tivemos o primeiro passo para desencadear a nossa capacidade criativa, a capacidade de dialogar e aprimorar as ideias compartilhando, cedendo e adaptando para chegar ao resultado ideal.

## REFERÊNCIAS

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena história da arte**. 5. Ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

LEFEVRE, Silvia. Narciso-Eco-Pã. In: ABRIL S.A. CULTURAL. **Mitologia**. V.2. São Paulo: Victor Civita, 1973.

XAVIER, Barral I Altet. Trad. Paulo. F. Anderson Dias. **História da Arte**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

# **CINEMA E FOTOGRAFIA: A MEMÓRIA QUE UNE GERAÇÕES**

**Andressa Tisott  
Juliana Bonifácio Gewehr  
Karlise Broc  
Samuel Henrique Ahlert**

## **INTRODUÇÃO**

Diante da proposta de trabalho da Disciplina de História da Arte, fundamentada na criação de um objeto de arte a partir de sucatas e posterior explanação sobre o tema escolhido, apresentamos o tema “Cinema e Fotografia: a memória que une gerações.”

## **1 ARTE E CRIATIVIDADE**

Cinema e Fotografia, apesar de estarem presentes na vida da maioria da população, são temas que despertam curiosidade e, como estes temas se complementam optamos por apresentá-los conjuntamente, não só no trabalho escrito como também na criação do objeto de arte.

## **2 REFLEXÕES TEÓRICAS**

O desejo de gravar momentos, retratar situações e acontecimentos, levou o homem a criar, nos primórdios da humanidade, o que conhecemos por Arte Rupestre. A Arte Rupestre apresenta-se na forma de pintura, feita com pigmentos e também se apresenta na forma de gravura, feita com incisões na rocha. Ambas tinham o objetivo de marcar um acontecimento ou retratar uma atividade da vida daqueles homens, e por serem feitas no interior de cavernas ou grutas, muitas permaneceram intactas, o que possibilitou o estudo e o conhecimento deste tipo de arte. É possível perceber que naquela época já se encontrava presente o desejo de registrar fatos, ou seja, fazer com que outras pessoas tivessem conhecimento do que se passava naquele ambiente em determinado período histórico.

No decorrer dos anos, este desejo esteve sempre presente e isso possibilitou que fosse acontecendo evolução nas técnicas. Passou-se então a fazer pinturas em telas. Estas pinturas

exibiam diversos temas e eram capazes de transmitir sentimentos e causar emoções, em virtude disso, essa técnica permanece até os dias atuais. A evolução da pintura em tela, por sua vez, refletiu na criação da fotografia, que passou a registrar momentos da vida, com maior rapidez e precisão. Apesar disso, o registro feito por ela, inicialmente era de um único momento, uma imagem estática, inanimada. Em 28 de dezembro de 1895 os irmãos Lumière realizaram uma ideia que é tida como a primeira sessão cinematográfica, que deu origem ao cinema.

Em dias de sol forte, pessoas sentadas num compartimento escuro viam, projetadas à sua frente, imagens que vinham do exterior, através de um pequeno orifício na parede oposta. Aquelas imagens vindas do exterior [...] traziam para dentro de uma sala o mundo exterior. Séculos mais tarde, o cinema iria repetir esse ritual renascentista, trazendo outra vez para dentro de uma sala escura a realidade exterior. (NASCIMENTO, 1981, p. 08).

As gravações cinematográficas são sequências de fotografias que quando dispostas uma após a outra e passadas em uma determinada velocidade, acabam por criar a impressão de movimento e sequência de um fato ou ação. Com isso, observamos o quanto as técnicas evoluem criando coisas novas e, ao mesmo tempo, podemos ver que toda a nova técnica tem como base velhos conhecimentos, anteriormente estudados e usados. Segundo Nascimento (1981, p. 09-10):

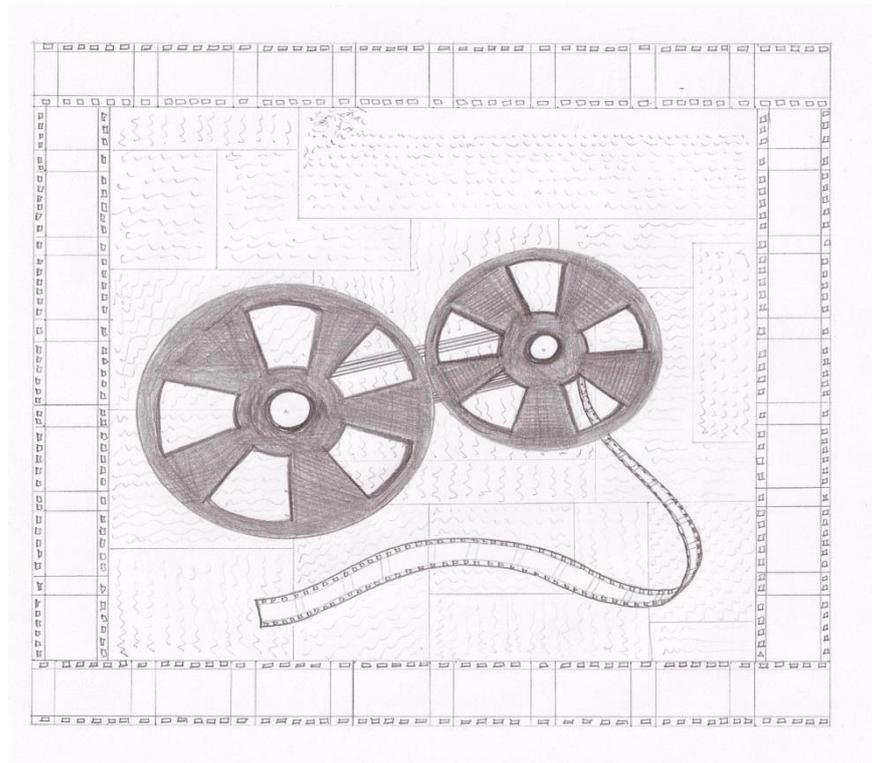
Nas imagens dos filmes concentram-se os fatores que movem uma sociedade. Na própria linguagem escolhida pelos filmes ficam expressas assimilações e criações culturais. Cinema será sempre essa verdade, essa realidade transformada em imagem projetada numa tela. E até sua ausência poderá definir um tempo e um lugar pela eloquência do silêncio e da escuridão.

Com esta fala de Nascimento vemos que o uso da imagem em movimento traz para os dias de hoje, conhecimentos e acontecimentos de sociedades anteriores unindo o passado e o presente. Para Barro (2005, p. 08),

O cinema através de sua produção fílmica, e não apenas como documentários históricos, também pode ensinar história. Além disso, as gravações e fotografias servem também como lembrança. Guardam sorrisos, momentos e pessoas especiais, descobertas, costumes de uma época, mantendo sempre vivas na memória de quem interessar as experiências vividas.

### 3 PROJETO E RESULTADO

Considerando a proposta de elaboração e criação de um objeto de arte com a finalidade de decorar um ambiente interno, idealizamos um quadro, figura 01, para expressar o tema escolhido relacionando tempo e informação em: “Cinema e Fotografia: a memória que une gerações”.



**Figura 1: Cinema e Fotografia**

Fonte: Desenho feito por Andressa Tisott; Juliana Bonifácio Gewehr; Karlise Broc ;Samuel Henrique Ahlert

Nosso objeto de arte foi feito basicamente com papel reciclado. Com esse material fizemos os rolos de filme. Após pintamos com tinta preta. Também usamos películas negativas de fotografias. Estes itens foram fixados sobre uma base de MDF revestida com jornais, dando a ideia de informação transmitida. A moldura foi feita com as películas negativas. Como apoio para o quadro, construímos um cavalete feito de bambu, possibilitando a exposição do material sem que fosse necessária a fixação em alguma parede.



Figura 2: **Cinema e Fotografia**

Fonte: Objeto construído por Andressa Tisott; Juliana Bonifácio Gewehr; Karlise Broc ;Samuel Henrique Ahlert.

## CONCLUSÃO

Com este trabalho, aliando cinema e fotografia, esperamos ter atingido o objetivo principal de refletir sobre a importância da Arte como conhecimento, motivadora de lembranças e também como entreter. O objeto por nós produzido representa o tema em sua essência e materialidade e tem a finalidade de decorar um ambiente interno.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. **Cinema e história – interrelações possíveis**. Campinas, SP: Humanitas, v.8, n.1/2, dez.2005.

LINDOMAR. História do cinema. In: **Infoescola**. Por professor Lindomar. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/cinema/historia-do-cinema>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. **Arte Rupestre**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte\\_rupestre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_rupestre)>. Acesso em: 25 abr. 2014.

NASCIMENTO, Hélio. **Cinema brasileiro**. Porto Alegre: Livraria Editora Pallotti, 1981.

# **O 14 BIS: UMA OBRA DE ARTE REVOLUCIONÁRIA**

**Felipe Frozza da Cruz  
Anderson Scherer Ritt  
Jaisson Argenta  
Sávio Henrique Gazola Marcon**

## **INTRODUÇÃO**

Construir um objeto de arte que possibilitasse refletir sobre um tema de importância social foi o desafio proposto na Disciplina de História da Arte. Escolhemos, assim, o tema cultura por ser um tema muito diversificado e com inúmeras curiosidades particulares relativas a cada grupo social, cidade ou país. Pensando nisso, resolvemos confeccionar um avião, que é um símbolo de integração entre os 4 cantos do globo, por se tratar de um meio de transporte e comunicação ágil e seguro, portanto, símbolo da integração de culturas.

## **1 ARTE E CRIATIVIDADE: O 14 BIS HOJE**

Criar um objeto de arte que representasse o tema escolhido nos levou a realizar breves estudos sobre cultura, arte e sobre o 14 Bis - obra que nos inspirou - um objeto de arte relacionado à historicidade da viação, resultado da criatividade humana e de sua extensão histórica. Após uma breve reflexão teórica, apresentamos o designer do objeto de arte que criamos tendo como referência o 14 Bis e o resultado final: o objeto por nós idealizado.

## **2 REFLEXÕES TEÓRICAS**

Entendemos que cultura é um conceito que abrange as peculiaridades e hábitos passados de geração para geração e, também, os hábitos herdados no contato com outros povos, grupos sociais. O contato entre povos, entre culturas está cada vez mais intensificado hoje. A situação é favorecida pela eficácia dos meios de comunicação e dos meios de transporte. O movimento migratório campo-cidade, entre países e regiões tem sido bastante e para isso, o avião se tornou funcional. Segundo Julio Moreno, ‘A cada dia, 160 mil pessoas são acrescidas à população das cidades do mundo.’ (MORENO, 2002, p.1).

A nossa obra de arte, o avião, além de mostrar um aspecto da cultura atual, lembra a criatividade de um brasileiro, Alberto Santos Dumont e sua obra o “14 Bis. O 14 Bis foi uma obra de arte criada em 1906. Apesar de ser obra de um brasileiro, foi testado na cidade de Paris, na França. Foi o primeiro objeto mais pesado que o ar a projetar-se do solo por impulsos próprios e superando a gravidade terrestre, o atrito do ar e superando as leis básicas da física. O 14-BIS foi criado com capacidade para transportar um tripulante. Foi estruturado com um motor de 50 hp e 8 cilindros em ‘v’ para refrigerar a água. Apresentava o comprimento de 10m, envergadura de 12m e altura de 4,8m. O 14-BIS foi projetado para atingir a velocidade máxima de 30,8 Km/h.

O 14 Bis, além de ser uma criação revolucionária, é uma obra de arte que marcou a história dos transportes e das comunicações. É arte porque, segundo Argan (1992, p. XIX) “arte é um fazer e se faz aqui e agora, não ontem ou amanhã, e faz objetos que o tempo não engole e que permanecem presentes”. Bosi diz que a arte revela o fazer de um povo, porque a “arte é um fazer. É um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística”. (BOSI, 2010, p.13).

Pensando em objetos que o tempo não engole, que permanecem, chegamos a invenção de Alberto Santos Dumont, a qual situamos como uma obra de arte e como uma referência cultural. É o resultado de conhecimentos, criatividade e técnicas. Uma obra que permanece desdobrada em novos conhecimentos e em novas criações como o objeto que produzimos. A produção de nosso objeto de arte foi antecedida pela produção de um designer.

### **3 O PROJETO E O RESULTADO**

O projeto foi feito baseado no modelo original do 14 Bis de Santos Dumont. Para a melhor representação do mesmo nos espelhamos em modelos disponíveis na internet, que retratam a imagem original do avião. Com base nessas imagens, construímos o nosso desenho, aquilo que entendemos ser uma representação do 14 BIS. O desenho (figura 01) ficou assim:

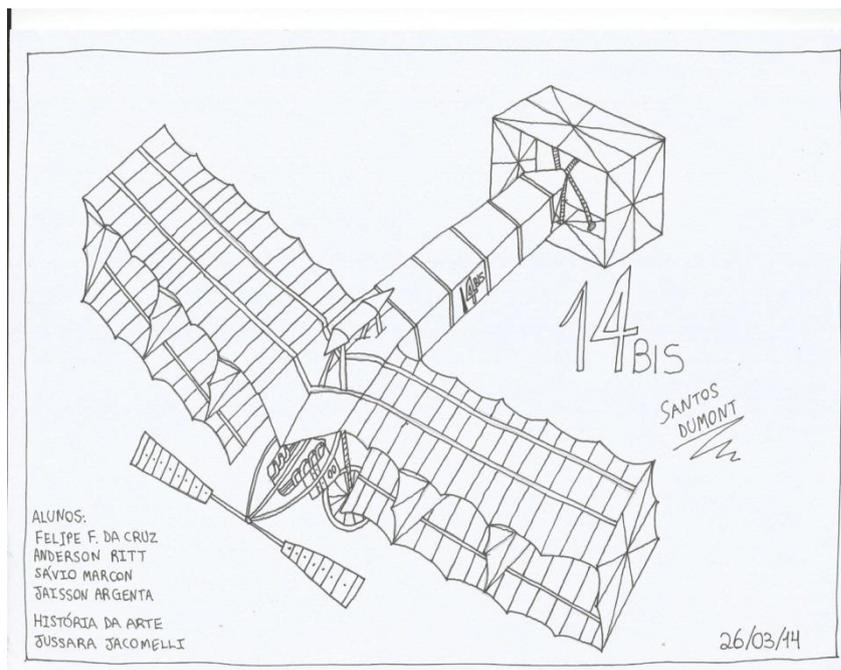


Figura 1: O 14 BIS, uma obra revolucionária.

Fonte: Desenho construído por Felipe Frozza; Anderson Ritt; JaiisonArgenta; Sávio Marcon.

Feito o desenho, fomos à busca de materiais para a produção do mesmo: papelão, palitos e cola quente. Então colocamos mãos a obra e tivemos um belo resultado, conforme figura 02.



Figura 2: O 14 BIS, uma obra revolucionária, na versão reciclagem

Fonte: objeto construído por Felipe Frozza; Anderson Ritt; JaiisonArgenta; Sávio Marcon.

## **CONCLUSÃO**

O presente trabalho nos proporcionou uma maior compreensão sobre arte e cultura e suas relações e permitiu concluirmos que há uma grande miscigenação de culturas. O transporte aéreo vem contribuindo muito para isso. A invenção do brasileiro Alberto Santos Dumont é revolucionária e continua presente na vida não só dos brasileiros como de todas as pessoas do Mundo.

## **REFERÊNCIAS**

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 2010.

MORENO, Julio. **O futuro das cidades**. São Paulo: Senac, 2002.

# **DECORAÇÃO: ABAJUR DE SUCATAS**

**Cariane Pellegrin  
Morgana Basso da Rosa  
Tainá Vendruscolo Rodrigues  
Ramon Henrique Librelotto  
Pamela Luiza Jede**

## **INTRODUÇÃO**

Com nosso objeto “Abajur” buscamos, primeiramente, trazer para a reflexão a sustentabilidade, mostrando que a arte de reutilizar dá vida para materiais já descartados. Em um segundo momento, a intenção é mostrar para a sociedade que nem tudo que é bonito e luxuoso provém de coisas novas e que é possível fazer inúmeros artefatos, tanto bonitos ou luxuosos como confortáveis e práticos, com materiais descartados.

Fazer Arquitetura é uma arte que não se encontra só na criação do novo, mas também na criação com base em outros recursos, como materiais reutilizáveis. Na verdade, o maior arquiteto é aquele que sabe fazer de pequenas coisas, grandes artes. É aquele que sabe e utiliza a arquitetura para resolver problemas sociais e ambientais. Além disso, a iluminação é um elemento básico para a vida, então, porque não usá-la a fim de proporcionar uma excelente decoração? Fazer arte é também saber juntar o útil ao agradável.

## **1 DESENVOLVIMENTO**

O tema decoração foi escolhido porque como arquitetos, este é um dos elementos com os quais iremos trabalhar, além de que a decoração tem o poder de mudar completamente qualquer ambiente, tanto externo quanto interno. O ambiente que é bem decorado nos faz viver melhor naquela realidade, sentindo aquilo que ele tem como objetivo a transmitir.

## **2 A ARTE DE DECORAR**

Além de encher os olhos, os temas das decorações permitem refletir sobre a criatividade. As pessoas são artistas em seu cotidiano quando tornam, por suas escolhas, os ambientes mais agradáveis ou não. Assim, conforme a Revista Casa e Jardim (2012, p.24),

“Uma vida mais bonita começa com você”. Você pode mudar tudo com pequenos gestos do mesmo jeito que uma nova sala transforma a casa, um sorriso transforma o dia, um novo espelho muda o olhar e uma flor transforma os sentimentos. A decoração deixa a vida mais bonita, porque de um jeito ou de outro, tudo é decoração.

Além disso, uma decoração feita com materiais de sucata permite pensar no consumo e no descarte. A mesma Revista Casa e Jardim (2012, p. 24.), traz uma reportagem na qual questiona o consumo, as novidades: “A pergunta foi lançada: é possível absorver todos os lançamentos da indústria do móvel? E eles são mesmo necessários? O momento é de pensar nas etapas de produção, eliminar resíduos e dar novos usos a materiais já existentes.” Qualquer material já existente pode ter uma nova utilidade. Hoje em dia, que sociedade não preza por uma casa barata, saudável, termicamente confortável e que gaste pouca luz e água? Um ambiente ecológico, além de fazer bem para a saúde, faz bem para o bolso e para o planeta.

Não há necessidade de ser um decorador para saber tornar um ambiente mais agradável, basta ter vontade e um pouco de criatividade. Também não é necessário mandar fazer moveis ou utensílios “sob medida”, mas sim, partir de objetos que já perderam a utilidade e que, na maioria das vezes, tornam o ambiente ainda mais bonito e aconchegante. Isso é fazer arte. Segundo Argan (2005), arte não é uma atividade abstrata do espírito, mas um conjunto de coisas nas quais se reconhece uma afinidade estrutural que resulta da técnica, da imaginação do artista e do contexto no qual os objetos são criados.

Um arquiteto e urbanista deve proporcionar ao cliente o máximo de conforto possível, mas isso não impede que ele ofereça também um ambiente todo trabalhado no material reciclável. Além disso, isso mostra a capacidade que o arquiteto tem em pensar no lado ecológico da vida. A decoração é o que deixa uma casa charmosa ou sofisticada, por isso deve ser muito bem pensada e calculada.

De certa forma, ainda há um grande preconceito quanto à reutilização de materiais pelas pessoas. Muitas vezes os clientes ou as pessoas no geral acham que o ambiente vai ficar com aspecto de velho, de depósito ou, até mesmo, aparentar falta de “grana”. Mas, muito pelo contrário, o ambiente pode ficar mais aconchegante, bonito e passar a ideia de sofisticado, bem calculado e muito criativo. Não é à toa que ambientes redecorados chamam a nossa atenção pelo fato de darem vida a muitas coisas que descartamos diariamente.

### **3 A IDEIA DO ABAJUR**

Tendo como referência criar um objeto de arte para espaços internos de uma casa, prédio, condomínio ou loja; desenvolvemos nosso trabalho baseado na decoração e também na iluminação. A iluminação sem dúvidas dá um toque especial ao ambiente, principalmente quando bem decorado. Portanto, desenvolvemos um Abajur. A base foi feita em uma garrafa de vinho e na parte superior foi colocado um cano encapado com tecido. A garrafa de vinho pode ser substituída por outra qualquer ou até outro tipo de base. Mas escolhemos estes porque são dois elementos básicos do dia a dia.

Além disso, escolhemos o abajur por ser um objeto que faz parte dos cenários de interiores e é apresentado em formatos diferentes. Às vezes o deixamos de lado, mas ele foi um bom companheiro nas horas de leitura e também nas horas que passamos projetando. Por outro lado, também pode ser usado à noite, em um dos cômodos da casa.

### **4 PROJETO E CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ARTE**

O abajur teve sua primeira aparição no século XVI nas ruas de Paris, provém do termo abat-jour que significa “abaixar a luz” ou “quebra luz” e é um ótimo objeto em decoração. São indicadas cúpulas mais claras para o quarto e escritórios/salas de estudo, e cúpulas mais escuras para ambientes como uma sala de televisão.

Com base em documentos e imagens disponíveis “online” sobre objetos com descartáveis, criamos nosso objeto. Uma das imagens de referência foi a do Abajur, disponível na página “Decorar com diversão”.



Figura 1: **Decorar com diversão: 10 ideias para decorar a casa.**

Fonte: SCHINEMANN, 2013.

As imagens de Abajures, disponíveis em “Decorar com diversão” foram a nossa inspiração e, com base nelas, fizemos o nosso desenho, o nosso projeto de abajur.

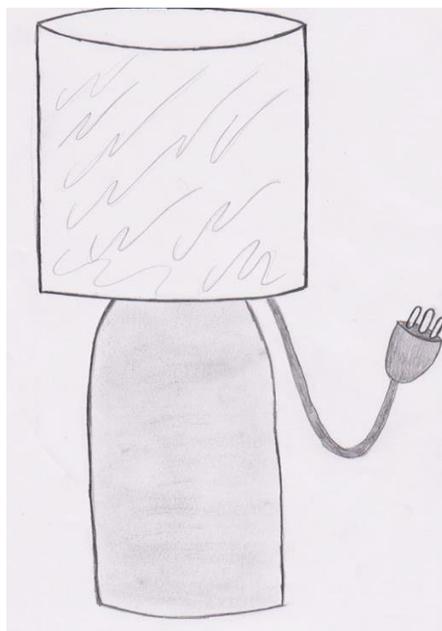


Figura 2: **Projeto de Abajur**

Fonte: Desenho produzido por Cariane Pellegrin, Morgana Basso da Rosa, Tainá Vendruscolo, Ramo Librelotto e Pamela Yede.

De posse de nosso projeto, passamos a sua produção. Primeiramente escolhemos um cano PVC bem largo para servir de parte superior, cortamos um pedaço para cobrir um pouco a superfície da boca da garrafa. Após isso, cerramos o cano e o envolvemos com dois retalhos de tecido: um em cor preta e um com uma estampa de tigre. Por último, acrescentamos a instalação de luz entre a garrafa de espumante (base) e o cano (parte superior).



**Figura 3: A arte de decorar: O Abajur**

Fonte: Objeto produzido por Cariane Pellegrin, Morgana Basso da Rosa, Tainá Vendruscolo, Ramo Librelotto e Pamela Yede.

## **CONCLUSÃO**

Concluimos que foi muito importante para nós e no início do Curso realizarmos a atividade de criar um objeto de arte: importante na formação acadêmica e para a atividade do arquiteto. Outro fato importante foi percebermos que elementos que fazem parte da história do passado, como o abajur, permanece nas decorações ambientais. Dentre todos os lados positivos de projetar o abajur, o que mais achamos interessante foi verificarmos a imensidade de modelos de abajures feitos de matérias recicláveis disponíveis “online” e que apresentam uma estética de beleza que supera os “novinhos em folha” mostrando que nem tudo que é belo

provém de materiais novos. Com este estudo e trabalho, percebemos que podemos transformar descartáveis em algo belo e encantador, podemos transformar qualquer matéria em vida novamente, basta ter criatividade e vontade. A atividade nos abriu novos horizontes e nos deu grandes ideias para os próximos trabalhos que virão.

## **REFERÊNCIAS**

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHINEMANN, Pricila. **Decorar com Diversão**: 10 idéias para decorar a casa. 2013. Disponível em: < <http://decorarcomdiversao.blogspot.com.br/2013/06/10-ideias-para-decorar-casa.html>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

REVISTA CASA E JARDIM. Rio de Janeiro: Editora GLOBO, n.688, mai. 2012.

# REINVENTANDO OBJETOS

**Bruna Roggia Chiele**  
**Luan da Silva Klebers**  
**Luana Possa dos Santos**  
**Maria Odila Argenta**

## INTRODUÇÃO

Dotados do conceito de sustentabilidade, palavra que está cada vez mais presente em nosso cotidiano, nos foi proposto, na matéria de História da Arte, a criação de uma obra construída inteiramente com sucatas, isto é, com todo e qualquer material que esteja sujeito à reciclagem.

O tema escolhido por nosso grupo foi a "criatividade", qualidade esta que domina as mentes de arquitetos, primordial para todos os projetos, em especial na arquitetura. Como estudantes de primeiro semestre, esse foi um momento de desafio porque tivemos que juntar o conhecimento dos nossos ensinamentos médios e dos conteúdos até então trabalhados na Disciplina de História da Arte com nossa bagagem cultural e expandir nossos olhares para as inúmeras possibilidades de reaproveitamento que existem.

## 1 ARTE E CRIATIVIDADE

É extraordinária a capacidade que o ser humano tem de criar. Cabe a nós, estudantes de Arquitetura e Urbanismo explorarmos ao máximo este dom. Atualmente a criatividade é uma necessidade, não somente visando o belo, o estético, mas principalmente buscando responder as necessidades humanas.

Criatividade vem de criar. Sintetiza “capacidade criadora, engenho, inventividade.” (AURÉLIO, 2009, p. 574). É criativo aquele que consegue criar algo a partir daquilo que existe, do conhecimento técnico e da imaginação. Mafuz (2013) coloca como criativo o arquiteto que traz respostas, soluções para as necessidades humanas. Atualmente são inúmeras as necessidades humanas, vão desde necessidades básicas de alimentação ao uso sustentável dos recursos naturais. Explica Ostrower (2008, p. 9) que,

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo (...). Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se nesse ‘novo’, de novas coerências que se

estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendido em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender e, esta por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.

Inspiração é a palavra que se posiciona no eixo central do diagrama ARTE x CRIATIVIDADE, vindo de qualquer lugar, a inspiração torna-se o combustível do artista. Um lugar bonito, um lugar feio, insetos, animais, sons, cheiros, texturas... tudo o que instiga a percepção de mundo e as vivências é considerado e possibilita inspiração artística.

## **2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO**

Com base nos estudos feitos sobre arte e criatividade, nosso grupo achou interessante construir uma adega, um lugar para armazenar vinho. A ideia surgiu após termos achado um barril jogado no porão da casa de um dos componentes do grupo. Então resolvemos dar uma finalidade a ele.

O barril é pouco usado hoje, mas já foi muito utilizado na Região do Médio Alto Uruguai para armazenar vinho e cachaça. O Município de Frederico Westphalen teve como primeiro nome “Barril”. Esse nome foi dado ao lugar porque no início da colonização, no atual Bairro Barril, um desses objetos foi utilizado para armazenagem de água. O Barril foi adquirido no Município de Seberi (BATTISTELLA, 1969).

A família Chiele tem, em sua casa, barris de época. Uma das componentes do nosso grupo é desta família e é proprietária de um desses barris. Então tivemos como objetivo inicial fazer uma obra com o barril sem que ele perdesse a sua identidade, o que nos levou a escolha da criação de uma adega. Nosso propósito era construir algo que chamasse atenção e que poderia ser relacionado com a história da arte e com a algo que identificasse costumes da nossa Região.

Os barris em madeira, segundo Sr. Chiele, eram feitos, aqui na região, com madeira de grápia, cabreúva ou louro. Inicialmente a madeira era desdobrada em guias de 10 cm de largura e a altura variava conforme encomenda. Após, acontecia a montagem do barril: as guias de madeira eram colocadas uma ao lado da outra e fixadas em cintas circulares de ferro. Posteriormente, eram arcadas no fogo, para atingirem o formato de barril. Para não haver vazamento, o barril era mergulhado na água para a madeira inchar vedando as arestas. As famílias costumavam utilizá-los para armazenar vinho e cachaça.



**Figura 1: O Barril em seu estado natural**  
Fonte: Fotografia tirada por Bruna Roggia Chiele de Barril pertencente à família.

Para a construção da adega, contamos com a ajuda e orientação de um marceneiro que nos ensinou como fazer a abertura e a divisória interna. Para a divisória interna utilizamos mdf. Foi divertido idealizar, projetar e construir o objeto porque aprendemos várias técnicas de como pintar, lixar e cortar e o resultado final compensou todo nosso esforço, como mostra a figura 2.



**Figura 2: O Barril que virou adega**  
Fonte: Objeto criado por Bruna Roggia Chiele, Luan da Silva Klebers, Luana Possa dos Santos, Maria Odila Argenta.

## CONCLUSÃO

Os barris, em seu estado natural, apesar de rústicos apresentam beleza ímpar e técnica de trabalho e com este projeto pudemos conhecer um pouco sobre a produção de um barril. Além de informações sobre a confecção de um barril, ousamos na criatividade e na capacidade inventiva com base em reutilizar e reinventar. Além de acréscimo ao nosso conhecimento, a atividade é uma mensagem de reutilização de materiais em descarte e de preservação do meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

BATTISTELLA, VITOR. **Painéis do Passado**. Frederico Westphalen: Gráfica Marim LTDA, 1969.

MAHFUS, Edson. **O mito da criatividade em Arquitetura**. 03 Oct 2013. ArchDaily. Disponível em: <<http://app1.ninrod.dyn.archdaily.com.br/01-143733/o-mito-da-criatividade-em-arquitetura-edson-mahfus>>. Acesso em: 5 mai. 2014.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

# VITÓRIA RÉGIA: DA FICÇÃO PARA À REALIDADE

**Bruna Roberta Casagrande**  
**Eliana Fin da Silva**  
**Simara Ceolin**  
**Naisa Scapini**

## INTRODUÇÃO

Diante da atual globalização econômica percebemos uma grande procura da população por práticas sustentáveis devido aos acontecimentos que envolvem o meio ambiente e suas atuais condições que preocupam as sociedades em geral. Com base neste pensamento procuramos criar um objeto de arte que tivesse como ideia principal a sustentabilidade: um objeto econômico, prático e também estético.

## 1 ARTE E CRIATIVIDADE

A arte é uma forma de expressão e comunicação utilizada pelo homem em todos os tempos. A arte proporcionou à humanidade opções e soluções para seus mais variados tipos de problemas, o que inspira, ainda hoje, o processo criativo de cada ser, a partir do uso de inúmeras técnicas e materiais, sem rigidez formal, porém com alma.

### 1.1 Arte e sustentabilidade

Arte é expressão humana. Assim, ao criar um objeto de arte, o homem comunica. Quando o criador do objeto pensa no que quer comunicar, seu objeto passa a ser portador e disseminador daquilo que deseja comunicar. Queremos, com a nossa Vitória Régia, comunicar sustentabilidade.

Para Jimenez (1999, p. 10) “a arte não se contenta em estar presente, pois ela significa também uma maneira de representar o mundo, de figurar um universo simbólico ligado à nossa sensibilidade, à nossa intuição, ao nosso imaginário, aos nossos fantasmas”. Essa noção de arte nos levou a criar um objeto criativo que representasse o tema “sustentabilidade”. Outra fonte de inspiração foi uma imagem vista em um blog chamado “Coisas de Vanessa”. A imagem nos remeteu, no imaginário, à lembrança da história do filme “A princesa e o sapo”, a

qual mostrava, em um lago a imagem de um Vagalume que pousava em uma Vitória Régia. O Vagalume iluminava a flor, parecendo uma luminária.

Moreno, autor do livro “O futuro das cidades”, ao apresentar enunciados do documento “Brasil 2020”, da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, propôs desenvolver e estimular a aplicação de instrumentos econômicos no gerenciamento dos recursos naturais visando à sustentabilidade urbana. (MORENO, 2002, p. 97). A proposta de Moreno é muito importante e estimula o desenvolvimento de atividades sustentáveis de modo a trazer benefícios para o ambiente em que vivemos.

O mesmo autor afirma que é preciso repensar o modelo de uso dos recursos naturais, para satisfazer, “simultaneamente, os critérios de viabilidade econômica, utilidade social e harmônica com o meio ambiente.” (MORENO, 2002, p.85). Estamos no tempo em que todos os objetivos socioambientais devem estar vinculados às práticas sustentáveis como forma de solução para problemas cotidianos. Para isso, é possível adotar o reaproveitamento como forma de economia e sustentabilidade, um assunto bastante discutido na mídia.

## **2 O PROJETO E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO**

O projeto foi feito olhando a imagem da flor “Vitória Regia”. Ali colocamos nossa imaginação de como e com o que criaríamos o objeto. Pensamos em utilizar um copo, colheres descartáveis algo com luminosidade. Sentimos um pouco de dificuldade no momento de fazer a representação no papel, já que o objeto, no nosso imaginário, deveria ficar arredondado e cheio de detalhes.

Para construir a Vitória Regia consideramos os estudos feitos na Disciplina de História da Arte e realizamos pesquisas na internet, em livros e revistas. Com base nessas pesquisas optamos por criar um objeto útil e econômico e com um designer que trouxesse a fantasia para a realidade. Começamos então, em grupo, o processo de construção do objeto, utilizando materiais descartáveis de fácil acesso.



Figura 1: **Vitória Régia**

Fonte: Desenho criado por Bruna Roberta Casagrande; Eliana Fin da Silva; Simara Ceolin; Naisa Scapini.

Utilizamos, para a confecção da Vitória Regia, colheres, copos descartáveis, cola quente, lâmpada econômica e fio elétrico. Fizemos a colagem das colheres no copo, juntamente com o encaixamento da lâmpada e do fio no mesmo, um processo simples, porém, demorado.

### **3 RESULTADO**

O resultado final deixou o grupo satisfeito, pois conseguimos alcançar a imagem que tínhamos em mente: VITÓRIA RÉGIA: DA FICÇÃO PARA A REALIDADE.



Figura 2: **Vitória Régia**

Fonte: Objeto criado por Bruna Roberta Casagrande; Eliana Fin da Silva; Simara Ceolin; Naisa Scapini.

## **CONCLUSÃO**

Com o trabalho desenvolvido, observamos que pesquisar, conhecer e refletir sobre as práticas sustentáveis e o reaproveitamento de sucatas são situações a serem consideradas por todos e, de especial importância, para nós estudantes de arquitetura e urbanismo. A pesquisa e a construção da Vitória Régia nos trouxeram grande aprendizado sobre as questões de sustentabilidade e pudemos construir uma nova visão sobre o tema.

## **REFERÊNCIAS**

- COISASDEVANESSA. Disponível em:  
<<http://www.google.Coisasdevanessa.blogspot.com.br>>. Acesso em: 05 abr. 2014.
- JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.
- MORENO, Julio. **O futuro das cidades.** São Paulo: Editora SENAC, 2002.

# O ANDARILHO

**Cássia Pellegrin**  
**Luísa Franceschi Zanatta**  
**Daniel Gracioli**

## INTRODUÇÃO

O Andarilho é uma criação que resultou do desafio lançado pela professora Jussara, na Disciplina de História da Arte, que consistiu na escolha de um tema e na construção de um objeto correspondente ao tema escolhido utilizando materiais recicláveis. Escolhemos, assim, o tema ARTE, um tema vasto e com inúmeras possibilidades de compreensão e pontos de vista. Dessa forma resolvemos representar a obra “O Homem Caminhando I” de Alberto Giacometti que, na nossa leitura e concepção denominamos “O Andarilho”.

## 1 ARTE: IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO

A Arte é o produto de organismos, portanto, é tão importante e complexo quanto eles. Além de fascinar e encantar, cada forma de arte traz uma história consigo. Fazer arte é desafio e realização. Fazer arte é imaginar e utilizar técnicas. É conhecer e produzir conhecimento.

A arte encanta, segundo Coli (1996, p. 8.) “É possível dizer, [...] , que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo”. Eça de Queiroz (2014), por sua vez, em Frases Globo, afirma que o ato imaginativo é fundamental na atividade do artista e sintetiza arte como “um resumo da natureza feito pela imaginação”, ou seja, toda arte produzida pelo homem é um resumo de sua cultura e daquilo que o cerca.

A arte, segundo Coli e Queiroz, é resultado de processos imaginativos. Resultados que causam admiração, mas que, também, são registros do contexto, da cultura, dos ideais de seu criador e da sociedade na qual está inserido. Assim, o criador está na obra, se revela na obra, e, ao mesmo tempo, mergulha a obra na realidade de sua criação e permanência.

Assim, tendo presente que arte é imaginação e que gera admiração, e, ao mesmo tempo, é portadora de cultura, apresentamos “O Andarilho”, inspirado em “O Homem Caminhando I”, de Alberto Giacometti.

## **2 OBJETO**

O Homem Caminhando I é uma escultura de bronze do artista plástico suíço Alberto Giacometti. Mostra um homem solitário, de 1,83m de altura, a meio-passo, com os braços pendurados ao seu lado. A escultura, cuja oferta inicial estava fixada em 12 milhões de libras (35 milhões de reais), foi leiloadada por 65 milhões de libras (192, 265 milhões de reais), motivo pelo qual ficou conhecida como a obra de arte mais cara já vendida em um leilão. A obra foi disputada por dez compradores em um tempo de apenas oito minutos.

Esculpida em 1961, a obra é considerada um ícone do trabalho de Giacometti e, é reconhecida como uma das esculturas mais importantes da arte moderna. Ao atingir os 104,3 milhões de dólares, a escultura de Giacometti deixou para trás o quadro do espanhol Pablo Picasso, "O Menino com Cachimbo" (1905), que foi vendido em 2004 por 64,17 milhões de dólares.

Com "O Andarilho", queremos representar nossa leitura da obra "O Homem Caminhando I" buscando questionar sobre o significado de uma obra de arte, o valor posto nela e sobre os materiais utilizados e sua importância social. Queremos retratar uma obra de valor elevado de uma maneira simples, trazendo a obra para o nosso ambiente de modo que não perca sua essência e significado, contudo utilizando materiais descartados como, ferro, litros, spray e papel alumínio.

Acreditamos que o significado de "O homem caminhando" e de "O Andarilho" seja o mesmo, pois buscam retratar um homem solitário, seja ele rico ou pobre, independentemente de sua natureza e do lugar onde vive. A ideia de Giacometti com sua obra era retratar o homem como símbolo de força em sua própria vida. A nossa ideia basicamente foi a mesma, porém, resolvemos mostrar esse homem em um contexto mais simples, digamos com materiais recicláveis para mostrar que arte pode ser feita com qualquer material desde que tenha um fim e que signifique algo.

## **3 O ATO DE CRIAR**

O Poeta Fernando Pessoa disse, certa vez, que "A arte é a autoexpressão lutando para ser absoluta". Esta frase mostra que arte é o fruto da imaginação e do caráter do homem que a faz, por isso retratamos "O Homem Caminhando I" como "O Andarilho". Uma escultura representando todos nós: simples, mas no todo interiormente e exteriormente, sem estarmos

presos às particularidades. A arte deve ser feita por nós de acordo com o que vivemos. Jorge Borges (2014) diz: "Por vezes à noite há um rosto/ Que nos olha do fundo de um espelho / E a arte deve ser como esse espelho / Que mostra o nosso próprio rosto".



Figura 1: **O Homem Caminhando 1.**  
**Obra do artista Gilberto Giacometti**  
Fonte:  
<https://www.google.com.br/search?q=O+homem+caminhando>.



Figura 2: **O Andarilho**  
Fonte: Desenho construído por  
Cássia Pellegrin; Luísa  
Franceschi Zanatta; Daniel  
Graciolli.



Figura 3: **O Andarilho**  
Fonte: Objeto criado por Cássia Pellegrin;  
Luísa Franceschi Zanatta; Daniel Graciolli.

## **CONCLUSÃO**

A partir desse estudo e ação criativa, podemos destacar que reinventar uma obra com materiais mais simples, não tira a essência da obra original, pois a reinvenção realimenta a história da obra inspiradora (original) e a faz ser lembrada. Também conseguimos perceber, por meio dessa pesquisa e com a confecção do nosso objeto, que arte é um tema abrangente e que pode ser interpretada de várias formas, desde que utilizando seus conceitos para entender desde a arte mais rebuscada, estilo nobre, até a arte mais simples. Em suma, a arte retrata o homem como ele realmente é, até mesmo com suas imperfeições, que é o caso do nosso “O Andarilho”.

## **REFERÊNCIAS**

COLI, Jorge. **O que é Arte**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

EÇA Queiroz. In: FRASESGLOBO. Disponível em: < <http://frases.globo.com/eca-de-queiroz/5874>>. Acesso: 12 abr. 2014.

FERNANDO Pessoa. In: PENSADOR. Disponível em:  
<[http://pensador.uol.com.br/frases\\_sobre\\_arte](http://pensador.uol.com.br/frases_sobre_arte)>. Acesso em : 12 abr. 2014.

JORGE Borges. In: CITADOR. Disponível em: <<http://www.citador.pt/frasescitações/arte>>.  
Acesso em: 12 abr. 2014.

# A MÚSICA ILUMINA

**Kauhana Casagrande**  
**Thaís Jacomelli**  
**Vinícius Villarinho Pietrobelli**

## INTRODUÇÃO

Criar um objeto de arte tendo como parâmetro um tema foi o desafio que assumimos na aula de História da Arte. O desafio nos levou a escolher o tema “música e iluminação”. Para demonstrar o tema, nos propusemos a montar uma luminária tendo como produto principal o uso de CDs. Assim, relacionamos a criação do objeto de arte à música e à reutilização de recicláveis. Tivemos como inspiração um modelo de luminária feita de cd e disponibilizado na Internet.

## 1 ARTE E INOVAÇÃO

Com a evolução da tecnologia, ao longo do tempo, as formas de ouvir música foram sendo modificadas. Após a era do disco de vinil, chegamos às fitas que logo foram substituídas pelos CDs. Estes também caíram em desuso, sendo hoje, mais comum a utilização de pen drives e cartões de memória. Tendo isso em vista, procuramos um meio de reutilizar os CDs para que eles continuassem a alegrar nossas vidas como refletores de luz e brilho; não mais como portadores de melodias, mas como objetos de decoração para nossos ambientes de convivência.

### 1.1 Reflexões sobre arte e criatividade

Falar sobre música é um ato cultural. Como disse Platão (citado em Pensador Uol), “A música é o meio mais poderoso do que qualquer outro porque o ritmo e a harmonia têm sua sede na alma. Ela enriquece esta última, confere-lhe a graça e ilumina aquele que recebe uma verdadeira educação”.

Os mais diversos ritmos musicais estão presentes no nosso dia a dia, causando inclusive, a união de pessoas que compartilham dos mesmos gostos musicais. Miriam Celeste Ferreira Martins (1998, p.10) ao questionar “O que mais caracteriza a unidade e a diversidade

de um país, senão sua música, seu teatro, suas formas e cores, sua dança, folclore e poesia?”, colocou a música como um dos principais componentes da cultura de um povo, como registro de sentimentos e pensamentos.

A música é uma manifestação cultural diretamente ligada à arte e à reciclagem. Segundo Duílio Battistoni (1993), a arte contribui para a libertação da personalidade, dos sentimentos de inibições e repressões a que estão sujeitos. Assim, ao contemplarmos uma obra de arte, temos sentimento de liberação e empatia, temos um sentimento de identificação com a obra ou com o que ela representa e que nos é estimulante.

A arte, seja ela musical ou não, é estímulo. O gosto pela arte permite a criatividade e a socialização de motivações e sentimentos. A arte representa, conforme Janson e Janson (2009, p. 6), “a compreensão mais profunda e as mais altas aspirações de seu criador: ao mesmo tempo, o artista muitas vezes tem a importante função de articulador de crenças comuns”.

As cores, as múltiplas cores da luz refletida e refletindo nos CDs, portam sentimento, motivam sentimentos. Tendo como motivadores, a música, a luz e o uso de CDs descartados, imaginamos o colorido, as formas projetadas pelo impacto da luz nos CDs, no ambiente e na percepção da interação das pessoas com o objeto. Imaginamos o cenário e o resultado. Fizemos o projeto do mesmo e o criamos.

## 2 O PROJETO



**Figura 1: A Musica Ilumina**

**Fonte:** Desenho e pintura construída por Kauhana Casagrande; Thaís Jacomelli; Vinícius Villarinho Pietrobelli

Nosso protótipo foi desenvolvido de forma simples, baseado em um modelo encontrado na internet, disponível no Blog Vila Mulher, 2010.

### 3 RESULTADO

Nosso abajur é um objeto de requinte, beleza e economia.



Figura 2: **A Música Ilumina**

Fonte: Objeto construído por Kauhana Casagrande; Thaís Jacomelli; Vinícius Villarinho Pietrobelli

### CONCLUSÃO

A música traz várias possibilidades de construções de objetos de arte. Relacionar a música com a arte e a decoração com o reaproveitamento foi o desafio que assumimos. Logo, aprendemos que materiais vistos como “lixo” podem e devem ser reciclados e reutilizados tanto como objetos funcionais, quanto estéticos. Agora aqueles CDs que já nos trouxeram tanto bem-estar pra alma, são refletores de iluminação para ambientes. Para nós, a arte serve também para melhorar nosso dia a dia. E, para isso, a criatividade é fundamental.

### REFERÊNCIAS

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena História da arte**. São Paulo: Papyrus, 1993.

JANSON, N.W.; JANSON, Anthony F. **Iniciação a história da arte**. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira. **Didática de ensino da arte: a língua no mundo**. São Paulo: FDT, 1998.

PLATÃO. In: PENSADOR. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/ODExNzkw/>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

LUMINÁRIA feita de CD. In: VILAMULHER. Disponível em: <<http://vilaclub.vilamulher.com.br/blog/outros/luminaria-feita-de-cd-9-1573652-120351-pfi-nuxa.html>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

# **DESIGN DE INTERIOR: ABAJUR DECORATIVO**

**Juliana Ribeiro  
Larissa Fernanda Soffiati  
Tainá Cristina Seibel**

## **INTROUÇÃO**

O trabalho proposto na Disciplina de História da Arte nos levou a assumir o desafio de construirmos um objeto de arte feito de materiais recicláveis, tendo como base um tema social. A ideia foi trazer para a reflexão o problema dos descartáveis, um problema social e ambiental que se agrava diariamente. O tema escolhido foi Design de interior, pois criamos um abajur com uma decoração voltada para a parte interna de vários tipos de ambientes quarto, sala, bares, lojas, festas, entre outros.

## **1 ARTE E CRIATIVIDADE**

Criar um objeto de arte com sucatas que representasse o tema design de interior: abajur decorativo, fez com que estudássemos sobre iluminação, decoração e design interno. Afinal a luz, por si só, é um elemento fundamental na decoração de qualquer espaço, a sua forma e disposição devem ser cuidadosamente escolhidas e, as pessoas gostam de utilizar no quarto “abajur” porque além de ser útil é também arte.

Entendemos que a iluminação, em um ambiente, tem de ser muito bem projetada, pois são nos ambientes da casa que as pessoas costumam descansar. Um quarto de criança, por exemplo, deve ser divertido e convidativo, sem deixar de ser relaxante e tranquilo. Além disso, a iluminação ao ser projetada para fazer parte da decoração, transforma por completo o efeito de espaço.

### **1.1 Sobre arte e iluminação**

Ao trabalharmos com arte em iluminação devemos ter em conta dois tipos de iluminação: a iluminação natural e a artificial.

A iluminação natural tem muita importância na saúde de todos. Um ambiente luminoso é mais alegre, arejado e desprovido de umidades. No entanto, se deve ter muito

cuidado com o excesso de claridade, principalmente nas estações do ano em que o sol é mais forte.

A luz artificial é, nos tempos atuais, a iluminação principal para qualquer ambiente, pode ser feita através de um candeeiro de teto ou apliques de parede. Convém que seja suficientemente forte para que as funções do dia a dia possam ser desempenhadas sem problemas. No entanto, é importante o recurso de outros pontos de luz.

O nosso abajur foi projetado para ser utilizado em quartos, considerando que cada quarto deve ser projetado para ter uma iluminação personalizada e exclusiva, que se adéque a quem o utiliza. Afinal como disse Janson e Janson (2009, p. 6 e 7) arte é “resultado da criatividade humana de representar a si próprio e ao meio de uma forma ideal.” Também coloca que a “arte é um diálogo visual”. A pessoa é um ser dialógico. A luz ao mostrar os objetos permite que o ocupante do ambiente viaje no mesmo, o que contribui para fortalecer a imaginação, o brilho, a fantasia, tão importantes à criatividade e ao desenvolvimento das pessoas, das capacidades humanas.

Nesse pensamento de arte voltada para a iluminação interna, tanto para atender a necessidade da iluminação de um ambiente, quanto para oferecer um local agradável e encantador, construir nosso objeto, tomando como inspiração o pensamento de “A luz cria espaço.” (ARNHEIM, 2005, p.300).

## **2 DESIGN E RESULTADO**

Para criarmos nosso abajur, utilizamos uma garrafa de absolut furada com uma furadeira diamantada para não quebrar. Após isso, passamos o fio condutor de eletricidade e colocamos a tomada. A cobertura, fizemos com parte de um abajur, quebrado. Depois disso feito, passamos papel crepon e colocamos um bico de luz azul. Para criar nosso objeto de arte observamos o abajur de garrafa, disponível na web.

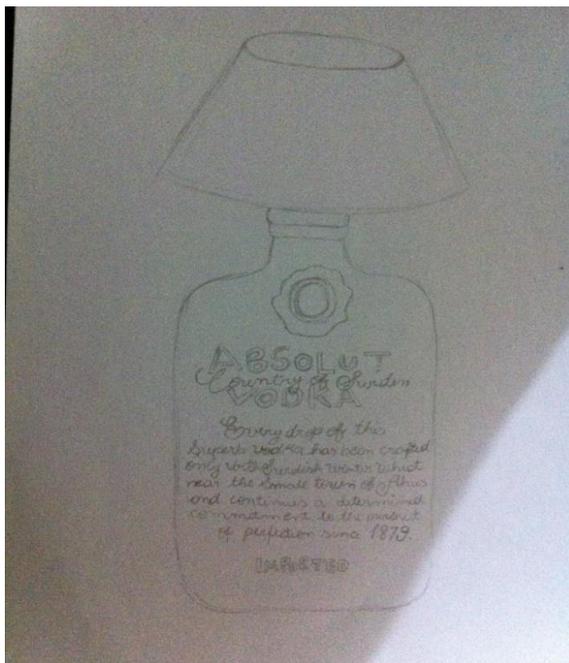


Figura 1: **Projeto: O abajur decorativo**  
Fonte: Projeto criado por Juliana Ribeiro; Larissa  
Fernanda Soffiati; Tainá Cristina Seibel

Como resultado, tivemos um lindo abajur decorativo.



Figura 2: **Objeto: O abajur decorativo**  
Fonte: Objeto criado por Juliana Ribeiro;  
Larissa Fernanda Soffiati; Tainá Cristina Seibel

## **CONCLUSÃO**

Com o desenvolvimento do presente trabalho estudamos a importância da iluminação, não só como elemento de um espaço de tranquilidade, mas como sendo elemento de um espaço onde passamos a maior parte do tempo. A criação de um objeto de design pode mudar totalmente um espaço, cria outro aspecto do lugar onde está.

Também, refletimos sobre a sustentabilidade, afinal utilizar descartáveis para criar objetos de arte foi desafiador e criativo e, em se tratando de objeto de arte para quarto, nos levou a pensar sobre ambiente e saúde. Tivemos que utilizar materiais não prejudiciais à vida e à saúde. Nosso abajur é feito com materiais descartáveis que estão disponíveis a todos.

## **REFERÊNCIAS**

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Campinas, São Paulo: Thomson Pioneira, 2005.

ABAJUR de garrafa. In: CASAALTERNATIVA. Disponível em:  
<<http://acasaalternativa.com.br/tag/abajur-de-garrafa/>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

JANSON, H. W; JANSON, Anthony F. **Iniciação à História da Arte**. 3.ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009

# **MONUMENTO DA PAZ, A ARTE RELATANDO E BUSCANDO A PAZ**

**Daniela Begnini John  
Cristiane de Oliveira**

## **INTRODUÇÃO**

O Monumento das Crianças à Paz, também conhecido como Torre dos Tsurus, foi erguido em 1958, em Hiroshima, no Parque da Paz. No topo do pedestal de granito, que simboliza a Montanha Lendária de Paraíso Mt. Horai, está uma menina com os braços estendidos segurando um tsuru. Dentro do pedestal há um espaço para os milhares de tsurus feitos de papel colorido, enviados por pessoas de todas as partes do Japão e do mundo. Esta foi a referência histórica que sustentou a nossa produção e que aqui neste texto apresentamos. Tivemos como relevância para a realização de nosso objeto de arte mostrar que a arte não representa somente a alegria e o belo, mas, também a realidade, como a história da menina Sadako, vítima da Segunda Guerra Mundial.

## **1 A ARTE RELATANDO E BUSCANDO A PAZ**

O Monumento das Crianças à Paz é uma obra de arte dedicada às crianças que morreram por causa do bombardeamento nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. Com base nela construímos nosso trabalho. Ela representa uma criança com os braços estendidos segurando um tsuru feito de origami. O monumento é baseado na história de Sadako Sasaki, uma menina que morreu em virtude dos efeitos da radiação da bomba atômica. Segundo a história, ela acreditava que se fizesse 1000 origamis de tsuru seria curada. Sadako deixou a vida terrena no dia 15 de Outubro de 1955 e seus amigos ergueram o referido monumento em sua homenagem, no Parque da Paz onde gravaram as seguintes palavras “ Este é o nosso grito, esta é a nossa oração e paz na terra”.

Conhecendo essa história, pessoas de todo o mundo depositam na base da estátua suas dobraduras em sinal de respeito e em memória de todas as crianças, que morreram devido à bomba atômica. Segundo Hadjinicolaou (1973, p.33),

As concepções particulares da relação artista–obra gravitam todas em torno de uma concepção geral que tenta explicar quer uma obra particular, quer a produção global de um artista, através de sua individualidade distingamos sumariamente dentro dessa concepção global, a explicação psicológica ( a personalidade do artista) a explicação psicanalista ( o inconsciente do artista ) e a explicação dita pelo meio do ambiente do artista.

Segundo o autor, a relação particular e global entre o artista e a obra gravita em torno de uma concepção geral que tenta explicar a relação entre uma obra particular e uma obra não particular de um artista a partir de aspectos individuais como o psicológico da personalidade do artista, o ambiente em que ele vive - fatores que podem influenciar o artista no momento da construção da obra. Segundo Munari (2008, p. 33) “Nem sempre o objeto tem um nome adequado. As vezes o nome é difícil de lembrar; as vezes recorda-se o nome mas o objeto não, outras vezes, o público atribui ao objeto um nome diferente.”

Com isso queremos dizer que nosso objeto não é perfeito, contudo, com ele trazemos para a reflexão a importância e o significado da Paz. Em um mundo em que as manifestações de guerra continuam, é preciso lembrar que a Paz é o caminho para a felicidade dos homens, que a guerra destrói e é sinônimo de morte, dor, sofrimento. Toda pessoa humana deseja ser feliz e a guerra é sinônimo de infelicidade.

## **2 O PROJETO E O OBJETO**

Utilizamos como projeto para nosso objeto de arte, uma imagem disponível na mídia: o símbolo de origami bem conhecido no Japão, que além de belo remete à lembrança a guerra e suas consequências. O monumento, como mostra a figura 01, é a representação de uma menina vítima da guerra nuclear.



Figura 1: **Monumento das Crianças à Paz.**

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Sadako\\_Sasaki](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sadako_Sasaki)

Para construir o nosso objeto de arte, seguimos os passos constantes no mesmo site. O processo de construção é fácil, consiste em dobraduras. Basta seguir os passos e utilizar papel.

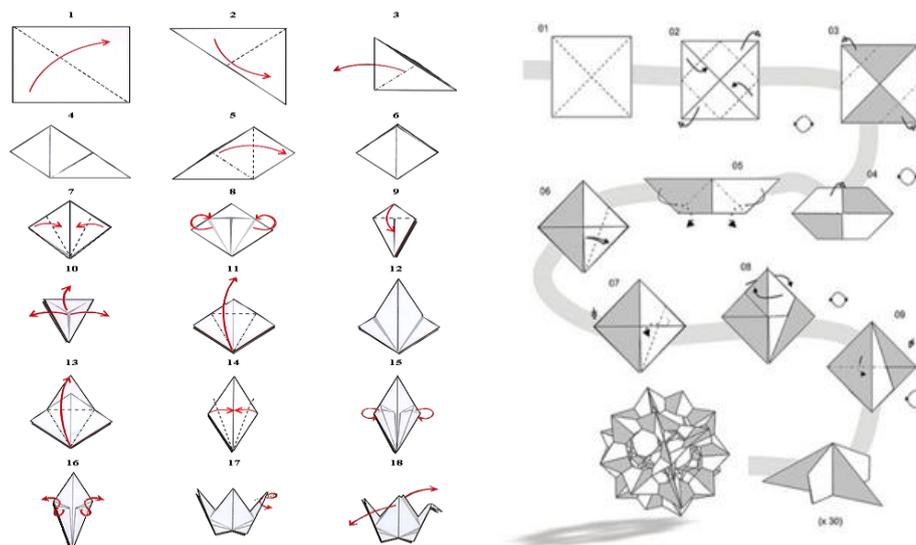


Figura 2: **Como construir um origami**

Fonte: <http://oficinadoorigami.blogspot.com.br/2011/03/tsuru-grou-ou-cegonha.html>

O resultado permite pensar na humanidade de uma forma diferente. Permite pensar que se juntarmos as partes em torno do objetivo da felicidade, em tudo estará objetivada a ideia da Paz.

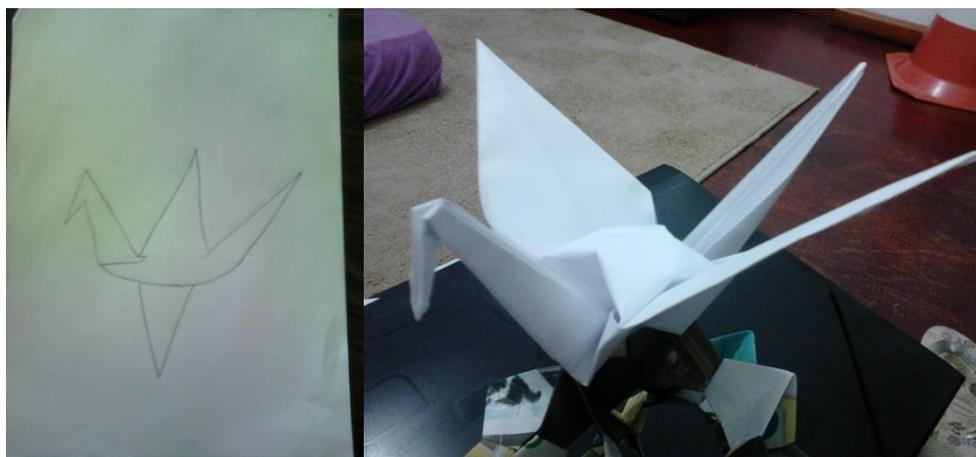


Figura 3: **Nosso Origami da Paz**

Fonte: Daniela Begnini John e Cristiane de Oliveira.

## CONCLUSÃO

A partir dos estudos feitos observamos que uma obra de arte não simboliza somente a beleza e a alegria como imaginávamos, mas, também, as tragédias que nos antecederam e que nos afetam de uma forma ou de outra até os dias atuais. Percebemos também a importância que tem um artista no momento em que ele assume a responsabilidade de fazer algo que simbolize uma realidade histórica, um acontecimento alegre ou triste.

## REFERÊNCIAS

MONUMENTO DAS CRIANÇAS À PAZ. Disponível em:  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Sadako\\_Sasaki](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sadako_Sasaki)>. Acesso em: 24 abr. 2014.

MEMORIAL DA PAZ DE HIROSHIMA. Disponível em:  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque\\_Memorial\\_da\\_Paz\\_de\\_Hiroshima](http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Memorial_da_Paz_de_Hiroshima)>. Acesso em: 24 abr. 2014.

HADJINICOLAOU, Nicos. **História da Arte e Movimentos Sociais**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1973.

MUNARI, Bruno. **Das Coisas Nascem Coisas**. Tradução José Manuel de Vasconcelos. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

# **LUMINÁRIA DE FORMINHAS DE GELO: A BELEZA NA RECICLAGEM**

**Gustavo Razia Del Paulo  
Marina Albarello  
Bruna Pegoraro Silveira Zanardi  
Murilo Henrique Andriolli**

## **INTRODUÇÃO**

A obra “Luminária de forminhas de gelo: a beleza na reciclagem” é fruto de um desafio a nós proposto pela doutora Jussara Jacomelli, professora responsável pela Disciplina de História da Arte do Curso de Arquitetura e Urbanismo da URI-FW. O desafio consistiu em transformar materiais já inutilizados em algum objeto útil para nossos lares. Diante disso, escolhemos o tema “decoração” como motivador da busca e da resolução do desafio por ser um tema presente no dia a dia das pessoas. Pensando neste tema e confeccionamos uma luminária utilizando forminhas de gelo.

## **1 ARTE E CRIATIVIDADE: REAPROVEITAMENTO DE UTENSÍLIOS**

Construir um protótipo econômico, sustentável e ao mesmo tempo sofisticado e, principalmente, com um toque de requinte, não foi fácil. Após uma pesquisa em livros e na web sobre o tema selecionado, nos deparamos nesta proposta de luminária, a qual combina com ambientes internos, viabilizando maior destaque aos mesmos.

### **1.1 Decoração é arte**

Em um mundo cada vez mais preocupado com questões relacionadas ao meio ambiente, a necessidade de reutilizar está cada vez mais presente no cotidiano da sociedade. O psicólogo Edward de Bono no livro “Aprendendo a pensar em 15 dias” (1998, p. 312) diz que “se devem considerar as coisas não apenas naquilo que são, mas, também, o que poderiam ser”.

A colocação de Bono somada à ideia de Santos (2005, p. 36) que afirma que “desde as primeiras manifestações reconhecidas, um longo percurso foi trilhado, em que o artista, ao

mesmo tempo em que desencadeava a descoberta de novos materiais, meios e técnicas, criava e se utilizava deles para fazer arte.” Permitiu ao grupo, "redescobrir" novas utilidades para materiais como decorativos.

Não há um conceito único sobre arte. Somente ao se observar cada caso individualmente, levando em consideração o contexto histórico-cultural em que o objeto artístico está inserido, é que se pode tirar uma conclusão sobre a arte. Conforme Argan (1984, p. 85) “qualquer discurso sobre a arte não pode dizer respeito à arte em geral, mas à precisa condição da arte e dos estudos sobre a arte numa determinada situação histórica.”

A arte também é e historicamente foi apresentada como funcional. Primeiramente foi utilizada com princípios religiosos. No decorrer dos séculos foi perdendo essa característica principal e desviando-se para outros campos, como o caso da decoração do lar.

## **2 PROJETO E RESULTADO**

O processo de construção do designer foi realizado pelo aluno Gustavo Razia Del Paulo.

A construção da luminária de formas de gelo recicladas teve os seguintes materiais utilizados:

- 04 forminhas de gelo; 16 parafusos; 16 porcas
- 01 Suporte de porcelana para instalação elétrica;
- Uso de uma furadeira; 01 bocal para lâmpada;
- Fio elétrico; Suporte de plástico;
- 01 lâmpada fria.

A técnica de construção utilizada foi simples e quem desejar construir a luminária, basta seguir os seguintes passos:

- Fazer um furo em cada canto das forminhas. Em cada furo colocar um parafuso com suas porcas, assim juntando as arestas das formas com o suporte de plástico.
- Instalar dentro do abajur a parte elétrica.
- Por último, colar as estruturas de sustentação na madeira.



Figura 01: **Luminária de forminhas de gelo**

Fonte: Objeto construído por Gustavo Razia Del Paulo, Marina Albarello, Bruna Zanardi, Murilo Henrique Andrioll.

## CONCLUSÃO

Após realizarmos as pesquisas atingimos um maior conhecimento sobre a relação entre decoração e reciclagem. Diante desta pesquisa foi possível absorver um conhecimento mais abrangente sobre a importância da sustentabilidade com o reaproveitamento de materiais até então considerados sucatas, transformando-os em algo requintado.

## REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da cidade**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1984.

HISTÓRIA GERAL DA ARTE: Artes decorativas II. [s.l.]: Ediciones del Prado, 1996.

MUNARI, Bruno. **Das Coisas Nascem as Coisas**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

SANTOS, Nara Cristina. **Expressão** – Revista do centro de artes e letras – UFSM. Santa Maria -RS, 2005.

# **HOMO HABILIS: DO DOMÍNIO DO FOGO ÀS ILUMINÁRIAS**

**Noé Costa da Silva  
Matheus Bones de Oliveira  
Nathanael Cuchi**

## **INTRODUÇÃO**

Tivemos, na Disciplina de História da Arte, com a professora Jussara Jacomelli, a tarefa de criar um objeto de arte com sucatas, com sobras de materiais. Mas, tínhamos que antes ter em mente um tema e, com base nele, criar um objeto de arte. Difícil, mas pensamos: “já que estamos buscando a profissão de arquitetos, vamos homenagear o homem como ser habilidoso.”

## **1 HOMO HABILIS: DO DOMÍNIO DO FOGO ÀS LUMINÁRIAS**

Pensando em homenagear o homem como ser habilidoso, imaginamos que a referencia revolucionária em habilidade e técnicas, foi a descoberta do fogo. Como a tarefa foi dada para ser construída em grupos, decidimos juntar o que tínhamos de sobras em nossas casas e encontramos barbantes, arames e tubos com restos de cola. Tivemos a ideia de fazer uma luminária para decoração de festas.

O homem, por muito tempo dependeu totalmente da luz natural, desconhecia qualquer forma de iluminação artificial. No período paleolítico ou idade da pedra lascada, o homem fez uma das suas maiores descobertas de toda a história: o fogo.

Após o homem descobrir como produzir o fogo e a utilidade do fogo, logo desenvolveu métodos para transportar o fogo, como as tochas primitivas. Depois o homem descobriu outros elementos, além da madeira, que permitiam manter o fogo; a gordura animal, primeiro líquido utilizado com fins para iluminação de ambientes. Assim, as primeiras velas foram construídas com fibras vegetais e gordura animal que eram fixadas em pedras, chifres de animais ou conchas marinhas. Após a descoberta da gordura animal, o homem descobriu, entre outras, a iluminação a gás no século 19, a eletricidade. Neste desafio, lembramos o ato criador do homem e, em especial, lembramos de Thomas Edison que em 1879 descobriu a lâmpada elétrica. (SILVA, 1914).

Temos hoje acesso a todos os tipos e formas de iluminação já descobertas, todavia, a iluminação elétrica é a nossa principal fonte de iluminação artificial e ambientalmente sustentável. Apesar de o homem ter acesso a todas as formas de iluminação, as mais atuais, como a energia elétrica, eólica e solar, não estão ao alcance de todos. Alguns ainda utilizam formas primitivas de produção de iluminação.

## **2 PROJETO E OBJETO**

Após imaginarmos o que fazer, termos lido sobre arte e sobre artefatos de arte e sobre a história da iluminação, criamos mentalmente nosso projeto e iniciamos o processo criador. Pegamos uma bola de borracha, destas mais finas para usarmos como molde, e no entorno revestimos de arames, após isso molhamos o sisal na cola e revestimos a bola com o mesmo deixando apenas um círculo ao redor do ventíl. Então deixamos secar a cola e em seguida murchamos a bola e retiramos de dentro do arame e do sisal.



Figura 1: **Bola de Sisal.**

Fonte: Objeto construído por Noé Silva; Matheus Bones; Nathanael Cuchi.

Terminada a produção, pedimos uma lâmpada vermelha emprestada em uma loja e a juntamos ao objeto, o resultado nos deixou felizes.



Figura 2: **Bola de Sisal: A Luminária.**  
Fonte: Bola de Sisal: a Luminária. Autoria de Noé Silva;  
Matheus Bones; Nathanael Cuchi.

## **CONCLUSÃO**

A elaboração deste trabalho, nos fez compreender melhor a importância da iluminação e nos permitiu entendermos um pouco de sua história. Concluímos então que a iluminação é uma das coisas mais importantes nos dias de hoje, e que sem ela, nós, seres humanos, nos tornamos incapazes de desenvolver várias atividades, principalmente durante a noite. A iluminação lembra arte e pode expressar conhecimento artístico.

## **REFERÊNCIAS**

SILVA, Regina. 10 luminárias artesanais espetaculares. In: **Revista Artesanato**. Disponível em: <<http://www.revistaartesanato.com.br/10-luminarias-artesanais-espetaculares>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

## POSFÁCIO

Que escrever após a leitura das construções acadêmicas e como fechamento da obra **Ensaio de Criatividade II**? Talvez esse seja o momento de retomar brevemente cada obra apresentada, sua relevância temática e criatividade.

Mulher: A submissão cultural não a ocultou historicamente. Obra confeccionada com fios, por mãos habilidosas e pela mente criadora que transformou o imaginário em objeto. Trata do tema Mulher buscando desencadear reflexões sobre a presença feminina na sociedade. Um tema sem tempo preciso, porque como mulher, não pertencente a um, mas pertencente a todos os tempos da história da humanidade. Por isso, sempre atual e necessário!

Narcisismo: A idolatração da beleza vista como arte. O tema leva a uma reflexão sobre a beleza, um tema tão atual e tão antigo! Construída em mármore, a obra apresenta a beleza como arte e, ao mesmo tempo, remete à frieza do mármore, ao estado de “gelo” ao qual uma pessoa pode ficar condicionada ao idolatrar a própria imagem (narcisismo), vindo, inclusive, a perder a possibilidade de encher a beleza (por narcizar-se) dos outros e da vida em sociedade.

Cinema e fotografia: a memória que une gerações. Grandes invenções da humanidade, o cinema e a fotografia são temas que remetem à memória e à identidade. Como os autores da obra definem, são técnicas que unem gerações, que mantêm os laços de famílias, comunidades, povos. Portadores de emoção, o cinema e a fotografia chegam aos dias atuais e povoam os imaginários de pertencimentos, memórias e histórias!

O 14 Bis: uma invenção revolucionária. Transportar, comunicar e integrar, eis uma invenção, como nos dizeres dos autores do objeto em representação, “revolucionária”! Talvez não sejamos capazes de imaginar o mundo sem o avião. Também, dificilmente nos damos ao trabalho e ao direito de refletirmos sobre o processo criativo que levou à concepção desse meio de transporte. Pensar nesse processo criativo, talvez, seja o presente que os autores do texto, jovens acadêmicos, visam permitir aos leitores.

Decoração: Abajur de sucatas. Decorar, com certeza, é uma das especificidades do arquiteto. Mas, decorar para que? Porque? Para quem? Para o quê? São perguntas pertinentes ao trabalho de decorar. Mas, há outra inquietação: que materiais, o que utilizar para decorar um ambiente? Nesse sentido, os autores, com o tema decoração, chamam a

atenção para o uso dos descartáveis, do reaproveitamento, portanto da ação de criar e de recriar como condição de sustentabilidade da vida do homem no Planeta Terra.

Reinventando objetos. Quantos objetos “velhos” há em uma residência em estado de “obsoleto”. Ao mesmo tempo, quantos objetos “novos” são inseridos. Reinventar é um desafio proposto pelos autores. Reinventar pode ser economizar, planejar, fazer arte e, pode alimentar a mente criadora. Em fim, o reinventar permite manter a memória, apresentada e representada de uma nova forma, de um novo jeito e, para uma nova necessidade!

Vitória Régia: da ficção para a realidade. Um objeto confeccionado com material simples e voltado para comunicar, nos dizeres das autoras, “sustentabilidade”. Sustentabilidade é um tema corrente hoje, um tema do cotidiano das pessoas. Um tema que remete a pensar nas possibilidades humanas de existência. A vitória régia comunica a vida de uma forma ímpar, completa! Talvez essa seja a semântica do objeto: a vida depende do uso sustentável dos recursos do Planeta Terra e, a vida é bela!

O Andarilho. Uma obra de arte significativa por si só! Com ela, os autores fazem uma analogia sobre “obras de arte” e os valores sobre sua materialidade. Uma reinterpretação figurada de “O Homem Caminhando I” do artista Alberto Giacometti. A construção artística remete à reflexão sobre o significado de uma obra de arte em seu tempo e espaço; no tempo e no espaço do artista; no tempo e espaço do observador; na sua composição; sobre a condição humana e sobre os valores da sociedade nos tempos e nos espaços sociais onde a obra compõe o cenário. De o “O Homem Caminhando I” para “O Andarilho”, uma bela analogia!

A música ilumina. Faz menção à luz, mas também à sonoridade. Além de trazer um pouco de historicidade, transforma objetos obsoletos em arte decorativa a partir de uma interpretação ou reinterpretação de um objeto disponibilizado na mídia. A obra mostra que ser criativo é também valorizar a criatividade do outro. O homem não vive só, é parte de um nós!

Design de interior: abajur decorativo. Atividade pertinente ao arquiteto: decorar ambientes. A tarefa pode ser fácil ou difícil, mas sempre é criativa. A criatividade pressupõe, na decoração, a qualidade de dar ao ambiente a praticidade necessária para que o mesmo seja útil e agradável, por isso, os objetos postos nele devem compor um conjunto em equilíbrio. Nesse sentido, a luz é fundamental, bem como a forma como ela é projetada no ambiente!

Monumento da paz, a arte relatando e buscando a paz. A arte é expressão de seu criador, mas, também, de seu tempo, de seu contexto. A Paz, talvez seja o maior desejo de toda a humanidade hoje. Mas, a Paz é um valor que deve ser alimentado pela reflexão constante sobre os atos da humanidade, atos nem sempre felizes, mas reais. A paz não é só para um, é para o conjunto da humanidade uma necessidade!

Luminária de forminhas de gelo: a beleza na reciclagem. A busca do belo às vezes é um processo difícil. Mas, às vezes, pode ser um processo prático e fácil. Há muitos sites que mostram formas de reutilizar, de reformar e, assim transformar descartáveis em arte, em objetos úteis e belos. Luminárias de forminhas de gelo, uma bela criatividade!

Homo habilis: do domínio do fogo às iluminarias. A união da história com a criatividade permitiu aos autores um resultado diferente e belo. A bola de sisal é simples, mas permite efeitos diferenciados, em termos de cores e de reflexos de luzes no ambiente. Além disso, remete a trajetória histórica do homem, que busca melhorias a partir da criação de técnicas.

Arte é registro. A escrita também o é. O homem passa, os registros permanecem por mais tempo. Registrar é uma forma de manter a memória viva, de permanecer. Nesse intuito, o e-book **Ensaio de Criatividade** - volume II, reúne treze construções de objetos de arte e pequenas teorizações - ensaios - frutos da disciplina de História da Arte, componente curricular do Curso de Arquitetura e Urbanismo. As construções são resultado do processo de trabalho “arte em sucatas” desenvolvido no ano de dois mil e quatorze.

Registros de experiências que testemunham a percepção da validade da história como referência cultural para prática projetual e criativa, respondendo aos pressupostos estéticos e de sustentabilidade, elementos esses que não podem estar desconectados das atividades do ensino.

Atividades que ensinam a cidadania e a responsabilidade social e cultural. Deste modo, a forma como vivermos deixa marcas no meio ambiente, nossa caminhada pela terra deixa rastros e pegadas, que podem ser maiores ou menores, dependendo de como caminhamos. Parabéns aos acadêmicos que assumiram o desafio de transformar, de tornar útil e belo o que estava em situação de descarte.



Figura 1: Ilustração de rastros e pegadas



Figura 2: A pegada ecológica que significa um indicador de sustentabilidade ambiental. Mathis wackernagel, william ress (1998).

**Alessandra Gobbi Santos**  
**Jussara Jacomelli**

A presente edição foi composta pela URI,  
em caracteres Times New Roman e Lucida Calligraphy,  
formato e-book, PDF, em abril de 2016.